

UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Tânia Maria de Paula Santos Luco

O ATO DE ESTUDAR NA FORMAÇÃO DE ALUNAS-PROFESSORAS
DO ÚLTIMO SEMESTRE DO CURSO DE PEDAGOGIA

Sorocaba/SP
Novembro/2005

Tânia Maria de Paula Santos Luco

**O ATO DE ESTUDAR NA FORMAÇÃO DE ALUNAS-PROFESSORAS
DO ÚLTIMO SEMESTRE DO CURSO DE PEDAGOGIA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador : Prof. Dr. Fernando Casadei Salles

Sorocaba/SP

Novembro/2005

Tânia Maria de Paula Santos Luco

**O ATO DE ESTUDAR NA FORMAÇÃO DE ALUNAS-PROFESSORAS
DO ÚLTIMO SEMESTRE DO CURSO DE PEDAGOGIA**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, pela Banca examinadora formada pelos seguintes Professores:

Prof^a. Dr^a. Cléia Maria da Luz Rivero
Universidade Metodista de Piracicaba

Prof. Dr. Wilson Sandano
Universidade de Sorocaba

Prof. Dr. Fernando Salles Casadei
Universidade de Sorocaba

Sorocaba, 25 de novembro de 2005.

Ao meu esposo Juan Pablo

Aos meus filhos Fabrício, Rafael, Natália e Rodrigo

À minha mãe Odette

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por permitir-me realizar este sonho.

Ao meu orientador Prof. Dr. Fernando Casadei Salles, que me guiou com carinho, dedicação, seriedade, competência e paciência na construção deste sonho e acreditou nele.

Às minhas alunas-professoras, que tanto colaboraram para que este sonho se tornasse real, emprestando suas histórias de vida.

À Profa. Dra. Maria Lúcia de Amorim Soares, pelas palavras de incentivo para que nunca desistisse do meu sonho.

À Profa. Dra. Cléa Maria da Luz Rivero e ao Prof. Dr. Wilson Sandano, pela gentileza e pelas valiosas contribuições feitas durante a qualificação, que muito auxiliaram no aprimoramento deste sonho.

Agradeço a todos que me ajudaram a realizar este sonho, dando-me o ombro amigo e escutando-me nas horas difíceis.

RESUMO

Esta dissertação de mestrado tem como objetivo destacar a importância do “ato de estudar” na história de vida das alunas-professoras do último semestre do Curso de Pedagogia do Instituto de Educação Superior de Boituva, localizado na cidade de Boituva, no interior de São Paulo. Os dados utilizados foram obtidos a partir de estratégias metodológicas complementares : 1 – Questionário enviado a todas as alunas do último semestre do Curso de Pedagogia do Instituto de Educação Superior de Boituva que acumulavam concomitantemente a função de professoras em escolas localizadas na região, solicitando dados sobre o perfil sócio/econômico/pedagógico/cultural de cada uma das “investigadas”, bem como dados referentes às suas respectivas posturas frente a importância do “ato de estudar”; 2 – Duas redações, sendo uma solicitada no início do curso e outra ao final sobre a importância do “ato de estudar” para a vida de cada uma delas, destacando em termos a “história de vida”, como este processo surgiu e se desenvolveu até a situação que se encontra no atual momento; 3 – Entrevistas com o intuito de confrontar alguns dados obtidos nas metodologias descritas com a finalidade de conhecer o sentimento subjetivo da importância que cada uma informou dar para o “ato de estudar”. Apesar do “ato de estudar” se justificar por si mesmo, a sua escolha se deve por duas razões principais: 1 – Pela necessidade de compreensão da importância deste hábito no processo de formação de professores; 2 – Pelas condições de estímulo ou obstrução que atuam juntas. As análises realizadas a partir dos dados utilizados nos mostraram a importância da história de vida na formação do professor, pois dificilmente poderemos interferir na formação dos outros, sem antes termos procurado compreender o nosso próprio processo de formação. Assim, através da história de vida de professores e no acúmulo de conhecimentos adquiridos consolidados em um trabalho permanente de reflexão pelas alunas-professoras, é que fixei o objeto de investigação da presente pesquisa.

Palavras chaves: ato de estudar, alunas-professoras, formação de professores.

ABSTRACT

This thesis has as objective to detach the importance of the "act to study" in the history of life of the students-teachers of the last semester of the Curso de Pedagogia of the Instituto de Educação Superior de Boituva, located in the city of Boituva, in the interior of São Paulo State. The used data had been gotten from complementary methodological strategies: 1 – A questionnaire was sent to all the pupils of the last semester of the Curso de Pedagogia of the Instituto de Educação Superior de Boituva, who concomitantly accumulated the function of teachers in schools located in the region, requesting elements on the social/economic/pedagogical/cultural profile of each one of the "investigated", as well as referring data to its respective positions face the importance of the "act to study" ; 2 - Two writings, one requested at the beginning of the course and the other at the end, on the importance of the "act to study" for the life of each one of them, detaching in terms the "history of life", as this process appeared and if it developed until the situation that it finds at the current moment; 3 - Interviews with intention to collate some data gotten in the described methodologies with the purpose to know the feeling subjective of the importance that each one informed to give for the "act to study". Despite the "act to study" justifies itself by itself, its choice must have two main reasons: 1 - For the necessity of understanding the importance of this habit in the process of formation of teachers; 2 - For the conditions of stimulus or blockage that act together. The analysis carried through from the data used in, had shown us the importance of the history of life in the formation of the teacher, therefore hardly we will be able to intervene in the formation of the others, without before had looked for to understand our own process of formation. Thus, through the history of life of teachers and in the accumulation of knowledge acquired and consolidated in a permanent work of reflection done by the students-teachers, is that I fixed the object of inquiry of the present research.

Key words: act to study, pupil-teacher, formation of teachers.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR E AS HISTÓRIAS DE VIDA	20
1.1 A Formação do Professor.....	20
1.2 A Formação e as Histórias de Vida.....	26
2 CONHECENDO E COMPREENDENDO AS ALUNAS-PROFESSORAS.....	33
2.1 Quem são as alunas-professoras deste estudo – Uma breve apresentação.....	33
2.2 As condições da pesquisa.....	48
3 O ATO DE ESTUDAR	55
3.1 Considerações sobre o ato de estudar.....	55
3.2 Aprendendo a estudar.....	63
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS.....	77
ANEXOS.....	80
ANEXO A – Redações feitas pelas alunas-professoras em 2001.....	81
ANEXO B – Redações feitas pelas alunas-professoras em 2005.....	103
ANEXO C – Questionário – perguntas e respostas	137
ANEXO D – Transcrição das entrevistas.....	209

INTRODUÇÃO

Estudar, aprender a razão de ser do objeto da curiosidade epistemológica, demanda do estudioso, aluno ou professor, que assuma o papel crítico de quem indaga e busca e não o de quem recebe passivamente a transferência de “pacotes” a ser mecanicamente memorizado.

Paulo Freire (1996)

Tendo como inspiração a citação de Paulo Freire (1996), esta dissertação procura mostrar a importância do “ato de estudar” na história de vida das alunas-professoras do último semestre do curso de Pedagogia, de uma cidade do interior paulista.

O objetivo da presente dissertação é conhecer como alunas-professoras de Educação Infantil e do Ensino Fundamental de 1ª. a 4ª. série e alunas do Curso de Pedagogia, do Instituto de Educação Superior da cidade de Boituva, interior do Estado de São Paulo, desenvolvem o ato de estudar. Como essas alunas, que também são professoras, em geral na rede municipal de ensino, desenvolvem o aprendizado do ato de estudar? Onde fundamentalmente isto acontece? Na escola? No curso de Pedagogia? Na prática de professoras de educação infantil e do ensino fundamental de 1ª. a 4ª. série na rede municipal de ensino? Ou de maneira ponderada tanto na faculdade como no exercício de sua prática docente? Em outras palavras, quer se conhecer qual a preferência epistemológica que influenciou mais acentuadamente no ato de estudar, se foi a reinciabilidade técnica que orientou todas suas formações escolares ou a epistemologia da prática profissional que elas exercem como professoras?

A hipótese central do trabalho parte da convicção de que houve mudança significativa na forma de estudar das alunas, desde a entrada no Curso de Pedagogia, até o presente momento quando estão completando seu último semestre. E a partir daí, conhecer mais

pormenorizadamente, em que instância essa hipotética mudança teria ocorrido, se no curso de Pedagogia, no exercício da sua profissão como professoras ou nas duas ao mesmo tempo.

Por causa da falta de dados teóricos e empíricos nas pesquisas educacionais brasileiras voltadas ao problema do estudo, perde-se a possibilidade de conhecer uma pedagogia mais eficiente no que se diz a respeito à leitura e ao estudo realizados nas escolas.

Como professora de Língua Portuguesa e Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa do Curso de Pedagogia, chamou-me a atenção as alunas do primeiro semestre do curso de Pedagogia, no ano de 2001, ao notar que as mesmas apresentavam sérias dificuldades para exprimir seus pensamentos através da escrita. Durante as aulas de Língua Portuguesa, notei que as alunas tinham dificuldades no entendimento dos textos estudados e que cometiam erros ao interpretá-los.

Um pouco convivendo e discutindo com elas em sala de aula, cheguei a conclusão que as mesmas tinham uma deficiência muito grande no ato de estudar: elas não sabiam como estudar, não tinham aprendido a estudar. Estudar resulta de necessidades objetivas que as pessoas têm na vida. O estudante não estuda porque tem prazer ou porque quer, mas porque ele tem de estudar.

Preocupada talvez que fosse uma coisa só localizada, procurei conversar sobre o problema com colegas das outras disciplinas do curso de Pedagogia, e notei que isso era comum também à prática deles. A queixa dos professores era de que as alunas não eram capazes de produzir textos de acordo com as exigências da atividade acadêmica, não entendiam os conteúdos explicados, não sabiam estudar.

Como professora de Língua Portuguesa e do curso de Pedagogia, foi difícil aceitar que, após quase 12 anos de escolaridade e muitos outros anos de atuação profissional, as alunas chegassem ao curso superior com dificuldades de estudar um texto acadêmico, se

durante toda a vida escolar e profissional tiveram de estudar ao menos o texto do livro didático.

Costuma-se creditar, normalmente, toda a culpa por não estudar ao próprio aluno, por não ter interesse ou por ser preguiçoso. Mas, será que ele sabe estudar? Falta-lhe organização e disciplina para o estudo, além do conhecimento de procedimentos intelectuais e práticos, como saber pesquisar, buscar e ordenar as informações mais importantes, relacionar as idéias do texto com seu conhecimento de mundo, enfim, compreender as idéias que aparecem e que devem ser estudadas num texto.

Então surge a pergunta: A escola ensina a estudar? Mas, ela exige que o aluno estude! Como ensinar algo que foi construído e aprendido intuitivamente, sem reflexão?

O estudo e a reflexão supõem o uso de recursos como sublinha, anotações de margem de texto, marcas diversas que orientem o estudo, fichamento, resumo, esquema. Esses recursos levam a compreender, a investigar, a ordenar as idéias do autor, enfim, possibilitam estudar qualquer tipo de texto.

Aprender a estudar não é apenas uma questão de aprender uma técnica, implica em aprender a operar com referências culturais, sociais e políticas, pouco presentes no cotidiano dos alunos do Ensino Fundamental e Médio, que ao entrar na Universidade encontram conteúdos diferentes dos adquiridos e usados até então.

Normalmente, cada aluno desenvolve, ao longo de sua vida escolar, um modo particular para dar conta da tarefa de estudar, acreditando que esta é uma obrigação individual e, quem não aprende sozinho, é responsabilizado e cobrado como falha pessoal. Muitas vezes, o aluno só vai desenvolver essa habilidade no curso superior ou em cursos de especialização, quando a grande carga de leitura o obriga a se organizar para dar conta dos trabalhos pedidos. Ninguém assume a responsabilidade e ninguém ensina a estudar. A própria escola não ensina o que mais cobra, que é o estudo. Porém, ensinar a estudar é tarefa da escola, em todos os

níveis. Portanto, o estudo precisa ser trabalhado em todas as disciplinas, bem como precisa ser ensinado por todos os professores.

Hoje, vive-se num mundo globalizado e informatizado, e a escola é um dos meios para fornecer ao aluno os instrumentos necessários para que ele consiga a compreensão das informações e possa ir assumindo aos poucos, o controle necessário para a aquisição do saber e de sua formação, pois a escola ensinando a estudar, tornará o aluno cada vez mais autônomo.

À vista disso, percebi que o problema era geral, o que me levou a concluir que a deficiência que as alunas tinham e que em geral era muito grande, em função das características da formação anterior, que era sentida até chegar à faculdade, elas não aprenderam, nesse processo, a estudar. Achei, então, que esse problema era básico.

Por outro lado, essa classe era formada, em sua grande maioria, por pessoas que exerciam a profissão de professoras, com muitos anos de magistério, e que somente estavam cursando a faculdade a fim de obter o título universitário em Pedagogia, em função da Lei de Diretrizes e Bases n.º 9.394 / 96, artigo 62, que assim dispõe sobre a formação de profissionais de educação:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, oferecida em nível médio, na modalidade Normal. (CARNEIRO, 1999, p.145).

Mais adiante, o artigo 87, §4º, da mesma Lei, prevê que: “[...] até o fim da Década da Educação só serão admitidos professores habilitados em nível superior ou formados por treinamento em serviço”. (CARNEIRO, 1999, p. 178).

O que se pode entender destes parágrafos é que os egressos dos Cursos Normais de nível médio, terão que completar, ao longo do tempo, seus estudos no sentido de obter a licenciatura plena em cursos destinados à formação de professores em nível superior. Nessa

época, o curso Normal Superior ainda não tinha sido regulamentado, por isso, os cursos de Pedagogia procuraram suprir esta deficiência e passaram a oferecer uma habilitação para a formação de professores para a Educação Infantil e das séries iniciais do Ensino Fundamental. Por tudo isso, as alunas-professoras sentiam-se obrigadas a fazer um curso superior.

Hoje, a situação se mostra diferente; houve progresso muito expressivo em relação ao modo anterior de pensar e agir das alunas-professoras. As alunas-professoras não têm mais medo de perder o emprego, já não se sentem mais com a obrigação de cursar uma faculdade; elas sentem prazer em comparecer às aulas, e apesar das dificuldades que encontram, estão aprendendo a estudar. Três hipóteses podem ser aventadas para explicar processo: ou foi a faculdade, ou foi a prática profissional, ou foram as duas em conjunto as responsáveis por esta mudança.

As hipóteses levaram-me a querer descobrir como a experiência escolar corrigiu e introduziu nas alunas uma nova consciência profissional, pois ao mesmo tempo em que as alunas cursavam a faculdade, elas foram à prática, pois são professoras. Também, quis saber em que medida a prática escolar interferiu mais que a faculdade, isto é, se a prática docente foi ou não foi decisiva, pois ao ensinar a estudar (são professoras), elas também aprenderam a estudar (são alunas).

Apesar de naquele momento não ter clara as hipóteses, uma grande curiosidade em conhecer a origem da deficiência das alunas em estudar e também preocupada com o problema que apresentavam, pedi-lhes que lessem o livro de Paulo Freire, “A importância do ato de ler – em três artigos que se completam”, enfatizando mais especificamente as pgs. 57, 58 e 59, que falam sobre o ato de estudar.

A escolha deste trecho do referido livro deu-se em função do grande sentido metafórico que ele encerra, a fim de que despertasse a atenção das alunas sobre o ato de estudar.

Após ser feita uma discussão em classe sobre o texto, na qual as alunas expressaram suas opiniões sobre o ato de estudar, pedi-lhes que escrevessem uma redação sobre o tema, contando como compreendiam o ato de estudar, de que forma aprenderam a estudar, como estudavam, e hoje como alunas examinavam a própria leitura e o próprio estudo e aquelas que além de alunas eram também professoras, como trabalhavam essas questões com seus alunos.

As redações trouxeram à tona, histórias de vida repletas de relatos que evocam desde o início da aprendizagem até os dias atuais, quando já como alunas universitárias e muitas delas também como profissionais, demonstram as suas preocupações com o estudar, questionando a sua prática pedagógica e preocupando-se com sua formação.

As histórias de vida têm sido muito importante na formação de professores, pois dificilmente poderemos interferir na formação dos outros, sem antes termos procurado compreender o nosso próprio processo de formação.

Assim como as histórias de vida constroem-se numa perspectiva retroativa, do passado para o presente, procurando projetar-se no futuro, as redações levaram-nas a uma tomada de consciência reflexiva, presente, de toda uma trajetória de vida percorrida no passado.

Pais, professores, familiares, amigos, marcam a cronologia das redações. Apresentam-se com rostos diferentes, segundo as épocas da vida e os tempos de regulação característicos do processo de formação, e este processo de formação tem semelhanças com um processo de sociabilização. Aquilo em que cada um se torna é atravessado pela presença de todos aqueles que se recorda. As relações mencionadas nas redações são as que muitas vezes ajudaram a moldar sua compreensão de estudar.

Segundo Dominicé (1988), a formação vai e vem, avança e recua, construindo-se num processo de relação entre o saber e o conhecimento, processo esse que se encontra no âmago da identidade pessoal. Portanto, deve-se conceder uma especial atenção à vida do professor, pois o que ele retém como saber de referência está ligado à sua experiência e à sua identidade.

Cada história de vida, cada percurso, cada processo de formação é único. Como diz Dominicé (1988 p. 139): “Há uma singularidade de cada história de vida, que não permite que se considere como verdadeira toda a generalização que não tenha em conta essa singularidade”.

Ao longo desses quatro anos das estudantes na faculdade, fui percebendo as mudanças a que me referi anteriormente, e isso veio mudando o sentido das minhas observações, e de simples curiosidade, passei a me preocupar em querer saber o porquê daquela situação. Foi quando que me dispus a fazer o mestrado em Educação para que pudesse estudar especificamente essa realidade.

É nesse vai e vem, através das lembranças das alunas, de seus conhecimentos e prática e dos novos conhecimentos adquiridos no decorrer da faculdade, que esse trabalho está situado, pois além de já possuir esse processo inicial a partir das redações, desde então, tive a oportunidade de acompanhar todo esse processo de desenvolvimento que agora se encerra.

Este trabalho procura conhecer as experiências de vida e de estudo de alunas-professoras, abordando o processo de construção de conhecimento de professores, para compreender como foi construída sua relação com o estudo e de que forma essa relação influenciou a prática escolar. Como os sujeitos deste trabalho são somente alunas-professoras, optei por usar o gênero feminino em todo o decorrer do mesmo.

Com base na idéia de Walter Benjamim (1996), que via que não é o passado que ilumina o presente ou o presente que ilumina o passado, mas presente e passado se conectam e se entrecruzam, é que pensei em articular o meu trabalho, com todas as minhas observações iniciais e comparando com as minhas atuais observações.

No decorrer da nossa convivência foi ficando claro a importância do ato de estudar, pois ao compreendê-lo, assumimos a atitude séria e curiosa diante de um problema, procurando compreender sempre as coisas e os fatos observados, não importando nem o lugar

e nem o momento em que o estudo será feito. Paulo Freire (2001), observa com muita propriedade, que não se estuda somente na escola, pois ato de estudar exige disciplina, vontade de criar e de recriar e de não repetir o que anteriormente foi dito. Nesta linha é que estamos procurando o caminho do nosso trabalho.

A experiência vivida durante a história de escolarização, é uma experiência valiosa para se compreender processos pedagógicos semelhantes, vividos e reproduzidos por alunos muito diferentes. Ao longo da vida, constituímos hábitos que dependem daquilo que ouvimos, vimos, praticamos, reproduzimos através das representações que construímos sobre tudo o que conhecemos. É uma síntese da maneira com que apreciamos as coisas, fazendo nossas escolhas e nossas classificações.

Por tal razão, é importante trabalhar com as idéias sobre a prática pedagógica que as alunas-professoras trazem consigo, resultado de sua própria experiência ao longo da vida estudantil. A futura professora traz para os cursos de formação profissional uma experiência acumulada, que vai se somando a novos conhecimentos adquiridos ao longo dos cursos. Este acúmulo de conhecimentos, por sua vez, é um processo dinâmico e acumulativo, a partir da sua vivência enquanto profissional e das novas relações pedagógicas.

Assim, através da história de vida de professores e no acúmulo de conhecimentos adquirido, consolidado em um trabalho permanente de reflexão pelas alunas-professoras, é que se fixou o objeto de investigação da presente pesquisa: conhecer como se formou o hábito de estudar nas alunas-professoras.

Nesse tipo de trabalho, o que se está procurando conhecer é como uma determinada forma de conhecimento, o ato de estudar, se assimila na prática da formação de professores. Segundo Nóvoa (1992, p.25), “a formação não se constrói por acúmulo de conhecimentos, técnicas e cursos, mas através de um trabalho de reflexão crítica sobre as práticas e de construção permanente de uma identidade pessoal.”

Em última instância: o que se pode deduzir da observação do autor português é a de que o conhecimento verdadeiro só se forma no processo de reflexão da prática docente. Seria, portanto, na prática docente e não na racionalidade técnica que se deva buscar a origem do conhecimento. Será, portanto, nesta medida, que estaremos direcionando a prática de investigação, onde preferencialmente, os atores (as alunas-professoras), alvo desta pesquisa, desenvolvem o ato de estudar.

Neste sentido, o presente trabalho, acerca do ato de estudar na formação de alunas-professoras do último semestre do Curso de Pedagogia de uma cidade do interior do Estado de São Paulo, é um tema relevante, na medida em que nos ajuda a compreender e a refletir sobre o ato de estudar e em como ensinar, pois muito pouco se sabe sobre o problema do estudo na formação do professor e muito menos ainda sobre os seus efeitos e procedimentos de ensino utilizados.

Ao centralizar-se na análise das redações, dos questionários e das histórias de vida das alunas-professoras, busca-se, para além dos motivos, que podem estar determinados tanto pelas condições externas quanto pelas internas, ou ainda pela combinação de ambos, as formas como fatos e acontecimentos são percebidos e vivenciados por cada indivíduo e como se combinam dos mais diferentes modos para constituir o processo do ato de estudar.

A pesquisa desenvolvida é apresentada em três capítulos:

No primeiro capítulo – **A Formação de Professor e as Histórias de Vida** – com duas subdivisões: **1.1 - A Formação do Professor** e **1.2 – A Formação e as Histórias de Vida** - procura-se apontar a reflexão sobre as experiências formadoras que marcam as histórias de vida das alunas-professoras, levando-as a definir e a compreender o seu processo de formação, pois são os sujeitos mais ou menos ativos ou passivos desse processo. Ao mesmo tempo, o professor, como pessoa e profissional, é um ser multideterminado, e qualquer ação

que empreenda – o trabalho, o estudo – deverá ser analisada levando-se em conta essa multideterminação, que, juntamente com o passado interiorizado e o futuro perspectivado, determinam a ação no presente.

No segundo capítulo – **Conhecendo e Compreendendo as alunas professoras** – com a subdivisão: **2. 1 -- Quem são as alunas-professoras deste estudo – Uma breve apresentação** e **2. 2 - As condições da pesquisa** - descreve-se os sujeitos da pesquisa, apresentando os procedimentos adotados para a coleta e análise dos dados. A delimitação do universo para o trabalho de campo iniciou-se com as primeiras redações sobre o ato de estudar, quando os sujeitos da pesquisa foram conhecidos, surgindo diferentes histórias de vida, que apontaram para a necessidade de outras investigações sobre o tema. Elaborou-se, então, um questionário, cujas respostas permitiram que se traçasse um perfil das alunas-professoras, mostrando a constituição desse grupo quanto à idade, estado civil, formação escolar, tempo de magistério, salário, hábitos de estudo, etc. Uma segunda redação sobre o mesmo tema foi pedida, ao término do curso, para avaliar as mudanças ocorridas e, em seguida, uma entrevista pessoal encerrou a coleta de dados. Apresenta-se ainda, neste tópico, os procedimentos usados para se dar conta das análises das redações, do questionário e da transcrição das entrevistas. Através de uma breve apresentação das alunas-professoras, cujas histórias permitiram o desvelamento do processo do ato de estudar, buscou-se examinar se o ato de estudar é um ato isolado apenas dependente da situação profissional, ou se tem relação com a vida pessoal, com a história passada e com o projeto de futuro de cada aluna-professora. Neste sentido, examinam-se os determinantes que atuaram na escolha da profissão, as dificuldades enfrentadas na profissão, e como o curso de Pedagogia e a prática profissional influenciaram na forma de estudar das alunas-professoras.

No terceiro capítulo – **O Ato de Estudar** – com duas subdivisões: **3. 1 – Considerações sobre o Ato de Estudar** e **3. 2 – Aprendendo a Estudar** - são feitas considerações sobre o ato de estudar , seus objetivos fundamentais, sua habilidade mental, suas características, não se limitando à assimilação de dados, mas se estendendo à consideração e investigação da realidade. Toda situação, que exija reações para as quais não se possui hábito anterior eficiente, necessita ser analisada, imaginada, ponderada, decidida, isto é, estudada. Por isso, o estudo é uma atitude frente ao mundo, assumindo uma postura diferente de perguntar, de buscar, de pensar a prática de cada um. Através de vários autores que discorrem sobre a necessidade que o aluno tem de resolver os problemas que originam a aprendizagem, procura-se mostrar que o estudo não é tarefa somente do professor, mas de todas as pessoas que convivem com o aluno.

1 A FORMAÇÃO DE PROFESSOR E AS HISTÓRIAS DE VIDA

1.1 A Formação do Professor

Mesmo quando uma ação educativa se revela formadora, são na realidade os próprios adultos que se formam. A formação pertence, de fato, a quem se forma. É verdade que todo o adulto depende de apoios exteriores: ele é ajudado e apoiado por outros, e a sua formação acompanha o percurso da sua socialização. Mas, em última análise, tudo se decide numa lógica de apropriação individual, cuja explicação teórica nem sempre é possível.

Pierre Dominicé (1988)

A formação escolar de professores terá lugar de destaque à reflexão sobre as experiências formadoras que marcam as histórias de vida. Ao utilizarmos a reflexão sobre o processo de formação, pretendemos colocar em evidência o fato de que eles são os sujeitos mais ou menos ativos ou passivos de sua formação e de que podem dar-se a si próprios os meios de serem sujeitos cada vez mais conscientes, levando-os a definir e a compreender o seu processo de formação.

A formação do professor começa antes mesmo de sua formação acadêmica e prossegue durante toda a sua atividade profissional. Segundo Nóvoa (1992), o futuro professor já chega aos cursos de formação profissional com imagens preexistentes sobre a função da escola, da educação e sobre o papel do professor. Por isso, deve-se unir a experiência acadêmica e profissional do docente com a sua experiência pessoal, para poder melhor entender como os valores e atitudes em relação à profissão e à educação em geral vão sendo construídos.

A construção de si próprio é um processo de formação, e compreender como cada pessoa se formou é encontrar as relações entre os acontecimentos que atravessam a vida de cada um. Formar-se pressupõe experiência, interação social, troca, aprendizagem. Assim, um percurso de vida é um percurso de formação, no sentido em que é um processo de formação. Valdirene (ANEXO A, 2001), uma das alunas-professoras, fala sobre esse processo de formação na sua primeira redação:

Formei-me professora, e novos desafios apareceram, fui dar aula numa escola de sítio, para adultos, onde havia as quatro séries juntas. Tive um período de adaptação e percebi que com essa sala, houve uma troca: eu ensinava a ler e a escrever e eles me passavam como lição de casa, a determinação, à vontade, a tolerância, o vencer os limites, a esperança e o mais importante, o sonhar, pois na nossa vida o ato de estudar não se resume apenas em ler, escrever e reter conceitos, mas sim, estudar a vida.

Dominicé (1985) identifica o conceito do processo de formação a um desenrolar complexo, a uma globalidade própria à vida de cada pessoa. Para ele, só é possível ter acesso a essa globalidade e complexidade a partir da identificação de processos parciais de formação enquanto sejam traços dominantes de uma história de vida. Pode-se considerar a dinâmica em que se vai construindo a identidade de uma pessoa como um processo de formação, processo em que cada pessoa, permanecendo ela própria e reconhecendo-se a mesma ao longo da sua história, se forma, se transforma, em interação.

A dimensão pessoal é um fator importante nos processos pelos quais o professor constrói e dinamiza seu trabalho. O importante é a maneira como o professor pensa, sente e atua. Reconhecer que a afetividade e a emoção desempenham um papel fundamental na vida do professor, na sua carreira, é sumamente importante.

A maneira como cada professor ensina está diretamente ligada àquilo que ele é como pessoa quando exerce o ensino. É impossível separar o *eu* profissional do *eu* pessoal. Cada um tem de fazer opções como professor, as quais cruzam a maneira de ser com a maneira de ensinar e desvendam na maneira de ensinar a maneira de ser.

A troca de experiências e a partilha de saberes reforçam a formação mútua, nas quais o professor é chamado para desempenhar ao mesmo tempo o papel de formador e formando. É fundamental que exista um diálogo entre os professores a fim de consolidar saberes emergentes da prática profissional, pois um trabalho centrado na pessoa do professor e na sua experiência será muito relevante em momentos de crise e de mudança.

A releitura dessa prática contribui para a modificação da ação pedagógica, levando o professor a tomar consciência dos valores, das crenças e dos conhecimentos que o influenciam e, assim, fazendo essa reflexão, ele terá condições para fazer eventuais modificações do seu comportamento profissional, no sentido de melhorar a sua prática. A aluna-professora Silvana (ANEXO B, 2005) nos relata em sua segunda redação sobre a reflexão no ato de estudar e seu ingresso na faculdade:

O ingresso na FIB certamente me levou a um salto qualitativo quanto ao ato de estudar. As aulas trazem o significado e a reflexão sobre nossa prática. Desta maneira a solução de muitos de nossos problemas na educação não são mais resolvidos ao sabor da emoção do momento, mas sim repensados, pesquisados e a atitude pode ser fundamentada em nossas leituras. A faculdade oportuniza um tempo um tempo para o estudo que antes não era uma constante para mim.

O professor é um profissional que trabalha com o ser humano, ajudando-o no seu desenvolvimento pessoal, facilitando o seu acesso ao conhecimento, dominando de forma

profunda sua área de especialização e compreensão do mundo, analisando e intervindo na sociedade com sua atividade profissional sendo membro da comunidade de profissionais científica e social.

Por tudo isso, o mais desejável, é que o profissional seja formado em universidades, que é o lugar onde a produção do conhecimento e do saber está em permanente exercício, mas infelizmente isso não acontece plenamente. O que ocorre é que grande parte da formação de professores, especialmente de Educação Infantil e do Ensino Fundamental de 1^a. à 4^a. Série não acontece em Universidades, mas sim em escolas ligadas a Centros Universitários e Institutos Superiores de Educação.

A profissão professor, hoje, tem propostas de formação nas quais nem sempre o futuro professor está de maneira presencial na universidade durante o curso como um todo. A solidez da formação do professor é muito mais forte se se der presencialmente nas universidades, mas hoje, já existe a formação do professor em muitos cursos de Normal Superior, em que o aluno nunca chega em uma universidade. Ele só comparece para fazer a matrícula, depois vai para os núcleos não-presenciais, e essa é uma realidade que hoje se enfrenta e convive, e está se tornando em problema muito sério, porque há muitos professores de 1^a. à 4^a. Série, formados absolutamente à distância, que não estão sabendo como lidar com a criança, principalmente por essa não-vinda à universidade.

A profissão de professor precisa combinar sistematicamente elementos teóricos com situações práticas reais, pois traz conseqüências decisivas para a formação profissional. O professor precisa conhecer o mais cedo possível os sujeitos e as situações com que irá trabalhar e a ida do professor à universidade leva-o a uma reflexão mais apurada sobre a prática. Corroborando com essa visão, a aluna-professora Valdirene (ANEXO B, 2005), na sua segunda redação, nos diz:

O curso de Pedagogia me fez repensar na formação que havia recebido no meu curso de Magistério e notei muitas falhas. É claro que quando estamos praticando a nossa profissão, a coisa muda um pouco; ao prepararmos as aulas a serem estudadas, mas não sabíamos o porquê de termos de transmitir esses conhecimentos que estavam no planejamento, porém hoje, já podemos discutir sobre esse assunto, pois sabemos do que estamos falando.

O professor de maneira geral, e de modo particular o de Educação Infantil e do Ensino Fundamental de 1^a. à 4^a. Série, que é o que nos interessa abordar neste trabalho, deve estar sempre em plena formação, pois ele acompanha as crianças nos diversos tipos de aprendizagem. Ele deve saber o que se refere aos conteúdos da formação básica e à prática docente; deve saber refletir sobre sua prática, para que possa construir um projeto educativo em que utilize a avaliação, a pesquisa, a documentação e a observação; deve saber interagir não só com os alunos, mas também com as equipes de trabalho, com as famílias e com outros profissionais.

A formação do professor deve passar por uma inovação, por uma experimentação, por novas maneiras de se trabalhar pedagogicamente, por uma reflexão crítica e por processos de investigação, devidamente articulados com as práticas educativas.

Para que a mudança realmente se efetive é necessário se pensar também na formação do professor, pois neste processo ele é uma peça importante. Uma educação de melhor qualidade, entre outras coisas, precisa de professores com boa formação e conscientes de que uma mudança educacional depende também das transformações das práticas pedagógicas na sala de aula.

Através do estudo, o aluno adquire diferentes pontos de vista e de experiências, e executa um ato de compreender o mundo. Estudar não é só uma ponte para a tomada de

consciência, mas também um modo de existir no qual o aluno compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo. Daí se vê quão importante é o estudo na formação do professor e quão intimamente o estudo está ligado ao projeto educacional e à própria existência do aluno como indivíduo. Por isso, uma das indagações deste trabalho consiste em refletir se não estaria faltando da parte dos professores, uma reflexão mais incisiva e profunda sobre o ato de estudar. Se na realidade não se estaria subestimando a necessidade desta reflexão, por conta de considerá-la sem importância.

A formação é sempre um processo de transformação individual, que só será atingido se houver uma grande implicação do sujeito em formação, de modo a ser estimulada uma estratégia de autoformação, que pode assegurar resultados em longo prazo.

A formação é sempre um processo de mudança institucional, devendo por isso estar articulada com as instituições onde as alunas-professoras exercem a sua atividade profissional, se o projeto de formação assumir sem equívocos, as dimensões sociais, que está presente em toda e qualquer ação de formação de professores.

Formar não é ensinar às pessoas determinados conteúdos, mas sim, trabalhar coletivamente em torno da resolução de problemas. Se a formação implica em transformação individual e em mudança institucional, então ela deve realizar-se através do empenho das alunas-professoras num processo de inovação à procura de soluções alternativas para a resolução dos problemas.

A formação deve preocupar-se em desenvolver nas alunas-professoras as competências necessárias para mobilizarem em situações concretas, os recursos teóricos e técnicos adquiridos durante a formação.

Perguntas surgem:

- Como e por quê cada uma se tornou na professora que é hoje?
- Como cada aluna-professora aprendeu a sua forma de estudar?

- Qual a importância da formação que elas receberam para desenvolver o ato de estudar?
- De que maneira a formação escolar contribuiu para a formação do ato de estudar?
- Qual a importância da prática profissional no ato de estudar?
- De que maneira a ação pedagógica do ato de estudar é influenciada pelas características pessoais e pelo decorrer da vida profissional de cada professora?

As respostas seriam muitas e naturalmente diferentes dependendo da professora, mas poderíamos dizer que em cada resposta que pudesse ser dada, deveria haver a adesão a princípios e valores, a escolha da maneira de agir nas decisões de foro profissional e pessoal, e a autoconsciência. Mas, nenhuma dessas possíveis respostas prescindiria no processo de reflexão.

1.2 A Formação do Professor e as Histórias de Vida

A história de formação de cada um é uma história de vida. A formação de uma pessoa não pertence a ninguém, senão a ela própria. Quaisquer que sejam os parâmetros comuns – a família de origem, a escola, os amigos, a formação profissional, o exercício do trabalho – põe em relevo processos de formação próprios de cada narrativa da história de vida.

Escolheu-se como metodologia de análise a história de vida, pois ela é outra maneira de considerar a educação. Não se trata mais de aproximar a educação da vida, mas de considerar a vida como o espaço da educação. A história de vida passa pela família, é marcada pela escola, e orienta-se para uma formação profissional. A educação é assim, feita de momentos que só adquirem o seu sentido na história de vida. Ao voltar-se para seu passado

e reconstituir seu percurso de vida, o sujeito exercita sua reflexão e é levado a uma tomada de consciência tanto no plano individual como no coletivo.

Os estudos sobre formação do professor colocam em destaque a figura desse profissional, focalizando-a sob novos prismas. Busca-se entender como o professor, mergulhado na cultura pedagógica e institucional da escola, constrói sua identidade profissional. Busca-se estudar sua história profissional e sua história de vida analisando como estas se cruzam. Busca-se conhecer como, durante a sua formação inicial, ou antes dela, e por meio do exercício de sua profissão, o professor vai desenvolvendo um saber sobre seu ofício. Neste sentido é que emerge, dentre outras, a preocupação em considerar o desenvolvimento pessoal do professor como elemento fundamental no seu processo de formação.

As histórias de vida se constituem em relatos complexos, onde se entrelaçam a origem social, os valores, interesses e opiniões, os relacionamentos interpessoais, enfim, tudo que contribui para a constituição do indivíduo e do seu modo de agir. Vários são os autores que usam dessas abordagens nas pesquisas educacionais, destacando-se entre eles, Belmira Bueno (1998), Pierre Dominicé (1985), Franco Ferraroti (1988), Maria Helena Cavaco (1993), Maria de Conceição Moita (2000), e principalmente António Nóvoa, por ter realizado e coordenado experiências pioneiras em seu país, as quais, deram a oportunidade de serem feitos muitos outros estudos nesse campo, e com quem vou trabalhar, mais especificamente, neste momento.

Segundo Nóvoa (1992, p.25), o reconhecimento do professor como pessoa provoca a busca por [...] “(re)encontrar espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais, permitindo aos professores apropriar-se dos seus processos de formação e dar-lhes um sentido no quadro das suas histórias de vida”.

Ao longo dos anos, independentemente de todas as transformações no modo como as sociedades foram concebendo e organizando as práticas da formação, um fato manteve-se inalterável: “educar é preparar no presente para agir no futuro”.(NÓVOA, 1991).

As lembranças do passado permanecem inalteradas em algum lugar de nossa consciência e que, quando solicitadas, retornam com fidelidade e elucidam-nos sobre fatos e situações anteriormente acontecidos. O passado e o presente mesclam-se e dão à lembrança um sentido mais real. Não se está mais no passado, mas no contexto existente no momento presente e, de alguma forma, a lembrança é relativizada pelas condições atuais em que ela é recuperada.

Compreender como se estuda, é relacionar-se com a compreensão daquilo que está em nós, daquilo que a nossa trajetória de aluno ou de professor inscreveu-se na prática cotidiana de cada qual. Rer ler essa prática, rever a experiência passada, a situação presente e as perspectivas futuras significam reescrever essa história de como se estuda, dar-lhe um outro sentido, formar professores que gostem, que tenham vontade de estudar e que possam desse modo ajudar seus alunos.

Walter Benjamin (1996, p.226) usa um outro aspecto dessa problemática, destacando a importância do narrador ao dizer que “o cronista que narra os acontecimentos sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”.

Resgatar a história das pessoas significa vê-las se reconstituírem em sujeitos e reconstituir sua cultura, seu tempo, sua história.

Ainda o mesmo autor (1996, p.227) continua dizendo que na recuperação do passado na memória, as condições dadas são as do momento presente, e que a lembrança não se encontra bloqueada e fechada na pureza original com que os fatos aconteceram. Ao contrário, considera que “um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do

vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois”.

A memória, diz Benjamim (1996, p.227), “é um movimento permanente de reconstrução, determinado pelas condições concretas e emocionais do sujeito, no momento presente”. Do que se infere que viver é lembrar. O que implica, por sua vez, em afirmar que aprender é um processo cumulativo; aprende-se permanentemente nas ações cotidianas da vida. Primeiramente aprende-se, depois se lembra e finalmente aplica-se o aprendido.

As transformações que ocorrem no modo de pensar, de ser, de sentir e de agir decorrem da aprendizagem, pois o que foi aprendido e retido retorna, sob a forma de lembrança, mesmo que inconsciente.

A formação do professor deve ser contínua e de acordo com o ciclo de vida em que se encontra e o saber adquirido em sua trajetória profissional. Para ser significativa, deve ser baseada na continuidade e na globalidade dos processos de formação dentro de uma vida, requerendo que cada professor compreenda, se aproprie de sua própria formação e a reconstrua a partir de sua própria história de vida.

A aluna-professora em formação é portadora de uma história de vida e de uma experiência profissional; as suas vivências e os contextos sociais, culturais e institucionais em que as realizou são fundamentais para perceber o seu processo de formação.

Maria da Conceição Moita (2000, p. 116), afirma que

[...] Só uma história de vida permite captar o modo como cada pessoa, permanecendo ela própria, se transforma. Só uma história de vida põe em evidência o modo como cada pessoa mobiliza os seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, para ir dando forma à sua identidade, num diálogo com os seus contextos.

A autora continua dizendo que a partir de uma história de vida, podem ser identificadas “as continuidades e as rupturas, as coincidências no tempo e no espaço, as ‘transferências’ de preocupações e interesses, os quadros de referência presentes nos vários espaços do cotidiano” (MOITA, 2000, p. 116), pelos quais a pessoa circula.

O sociólogo italiano Franco Ferrarotti (1988, p.26-27) afirma que: “se nós somos, se todo o indivíduo é, a reapropriação singular do universal social e histórico que o rodeia, podemos conhecer o social a partir da especificidade irreduzível de uma práxis individual”.

Endossando este pressuposto, admite-se neste trabalho, que ao fazer uso das histórias de vida de alunas-professoras, torna-se possível situar o ato de estudar dentro das transformações que ocorreram durante o processo de formação.

A construção da identidade se faz através de um processo complexo, no qual cada um encontra nas suas lutas, nos seus conflitos, na sua maneira de ser e de estar na profissão, a melhor forma de se apropriar do sentido da sua história pessoal e profissional. Esse processo necessita de tempo, pois só o tempo assimila mudanças, aceita inovações e se necessário refaz identidades.

Cada professora tem sua própria maneira de ensinar e essa maneira está diretamente ligada àquilo que ela é como pessoa quando exerce o ensino. E é a partir da percepção e da representação que o professor tem de sua prática, de seu espaço físico e do limite de sua ação, que ele poderá reconhecer a importância de seus problemas e eventuais soluções, através da força da sua história pessoal, intelectual e de formação.

A formação é direito, e a concretização de práticas de leitura, de escrita e de estudo e devem fazer parte da formação de professores. Nesse processo, aprender com a experiência, rever a própria trajetória de vida, reler aquilo que aprendemos e que foi escrito em cada um de nós, podem se constituir em ações formadoras da maior importância.

No entanto, é preciso ponderar que a abordagem das histórias de vida, como toda abordagem metodológica, mesmo quando se mostra a mais adequada e a mais coerente com o objeto de estudo e os objetivos da investigação, possui limites e dificuldades que podem comprometer os resultados da pesquisa.

Ao se trabalhar com histórias de vida na pesquisa, devem-se tomar alguns cuidados. Um deles diz respeito à atenção que o pesquisador precisa dar à forma que os sujeitos investigados relatam suas vidas, ou seja, é importante que ele busque compreender o que leva a vida ser relatada da forma como foi. Ao mesmo tempo, este cuidado deve relacionar-se ao modo como a história de vida é coletada e por meio de que instrumentos. Pode-se narrar sua própria vida dando-se a conhecer através da escrita ou da fala.

Tanto o relato escrito, como o oral, impõem limites e possibilidades que devem ser consideradas. De um lado, a escrita, que, mesmo sendo um ato solitário, não está livre da presença virtual de um leitor. Essa presença pressentida influencia o relato, pois a proximidade de quem vai ler influi na forma sintática usada pelo seu autor. E, ao apresentar uma determinada forma ou estilo, poderá suprimir determinados fatos ou acontecimentos.

Por outro lado, aparece o relato oral, que é recolhido diretamente pelo investigador, numa interação face a face. Segundo Franco Ferraroti (1988, p.27), a relação que se estabelece entre pesquisador e pesquisado no relato oral, é “uma interação social completa, um sistema de papéis, de expectativas, de injunções, de normas e de valores implícitos, e por vezes até de sanções”.

Mesmo sabendo que a sua presença já estará influenciando a narrativa, o pesquisador deverá saber ouvir, evitando direcionar a fala do pesquisado a partir de pressupostos.

Assim, tanto a forma escrita como a oral do relato das histórias de vida trazem vantagens e desvantagens para o trabalho de pesquisa, que devem ser consideradas, levando-se em conta o objeto de estudo e os objetivos da investigação.

A compreensão que o pesquisado tem do significado e do uso que se fará de sua narrativa é outro aspecto que deve ser considerado. O pesquisador deverá informar o uso que será feito do que for dito ou escrito e deverá fornecer os objetivos da pesquisa, mesmo que

isso venha a influenciar, direcionar, e até mesmo condicionar o relato da narrativa. É tarefa do pesquisador minimizar os efeitos que essas informações podem gerar.

2 CONHECENDO E COMPREENDENDO AS ALUNAS-PROFESSORAS

2.1 Quem são as alunas-professoras deste estudo: uma breve apresentação

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado.

Ecléa Bosi (2003).

Ao narrarem suas histórias de vida, pessoal e profissional, as alunas mostraram suas inquietações, suas realizações, seus desejos, seus sonhos, suas conquistas, seus pensamentos, suas frustrações e suas angústias que vivenciaram no decorrer de suas vidas como alunas, como professoras e como alunas-professoras.

A memória, como diz Bosi (2003, p.39), “é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento”. Ao escreverem as redações, ao narrarem suas vidas, as alunas-professoras usaram a memória como instrumento para transmitir suas lembranças, suas experiências, suas vidas.

Mesmo que esta breve apresentação não mostre a singularidade de cada professora entrevistada, permitirá conhecer algumas de suas características individualizadoras através “dos traços profundos de unidade que estruturam todos os destinos pessoais”.(CAVACO, 1993, p.15).

Os dados contidos nas descrições das alunas-professoras foram tirados das redações, do questionário e das entrevistas feitas com as mesmas.

- **ROSELI**

Tem 36 anos de idade, é casada e tem dois filhos. Trabalha como professora em escola municipal, à tarde, e está no magistério há 16 anos. Coursou o ensino fundamental em escola pública, o ensino médio em escola particular e teve uma interrupção de 12 anos até o ingresso na faculdade.

Prefere estudar através de anotações feitas em sala de aula e de apostilas elaboradas pelos docentes, comprando sempre xerox dos textos indicados e quase sempre os livros indicados pelos professores.

Usa sempre a biblioteca mais de uma vez por semana para empréstimos de livros e a usa como local de estudo em grupo. Ao estudar sempre sublinha os trechos mais importantes, fazendo uso de setas e anotações. Sempre lê livros e jornais, principalmente por causa das obrigações profissionais e também para informar-se.

Nunca viaja, quase sempre assiste TV, já esteve na exposição de pintura sobre Picasso e não tem o hábito de ler romances ou poesias.

Escolheu a profissão de professor por vocação e a principal motivação em fazer o curso de Pedagogia foi a imposição legal que obrigava a titulação.

Contou que aprendeu a estudar quando cursava o ensino fundamental, mas naquela época estudava mais pela cobrança dos pais e para passar de ano. Roseli escreveu: *“Quando era criança estudava, pois havia a cobrança de meus pais para cumprir minhas tarefas escolares e estudava para passar de ano.”*

Não tinha o hábito de estudar e sofreu muito com essa falta, pois no curso de Pedagogia, pela necessidade de realizar as atividades, trabalhos e pesquisas solicitadas pelos professores, sofreu a falta de não ter o hábito do estudo. Escreveu assim: *“Hoje já não sinto*

como uma obrigação, pois sei da importância do ato de estudar. Sei o quanto faz falta não ter o hábito de estudar para realizar o ato pedagógico na minha vida profissional”.

Durante os quatro anos que passou na faculdade, conseguiu fazer um elo de ligação entre as dificuldades encontradas na sua prática escolar e o estudo, pois através dele foi adequando-as na tentativa de solucionar os problemas existentes com seus alunos: *“Após muitas pesquisas, muitos trabalhos efetuados e muitos momentos de reflexão no curso superior, sinto-me realizada, pois consegui fazer um elo de ligação entre as dificuldades encontradas na minha prática escolar e através dos estudos fui adequando-me na tentativa de sanar essas dificuldades”.*

Hoje, sabe o quanto o ato de estudar abriu novos olhares sobre sua prática profissional e o quanto precisa continuar estudando para sanar as grandes dificuldades e barreiras encontradas na área da Educação: *“Após 4 anos cursando Pedagogia, posso dizer o quanto os estudos realizados oportunizaram novos olhares sobre a minha prática profissional, e o quanto preciso ainda aprender para sempre estar abrindo novos caminhos para sanar as grandes dificuldades e barreiras encontradas na área da Educação.”*

- **CÉLIA**

Tem 40 anos de idade, é casada e tem dois filhos. Trabalha como professora em duas escolas municipais, uma em Cerquilha, na parte da manhã e outra em Boituva, na parte da tarde. Está há 16 anos na rede municipal e há quatro anos em escola particular. Cursou o Ensino Fundamental e o Ensino Médio em escola pública, formando-se no Magistério em 1982. Teve uma interrupção de 18 anos até entrar para faculdade em 2001.

Ela conta que sempre levou a sério o ato de estudar, mesmo que, às vezes, o tenha feito brincando. Ela escreveu: *“Minha primeira escola foi o quatinho de despensa lá da*

casa; a minha primeira professora, minha irmã dois anos mais velha que passava as lições de sua velha cartilha que lembro-me até hoje, de nome Caminho Suave.

Por influência de seu pai, *“homem de pouco estudo, mas fazia questão de deixar a exposição o seu diploma de Contabilidade”*; de sua mãe que *“mesmo sem poder muitas vezes nos orientar, mostrava interesse pelas nossas lições, fazendo-nos levar a sério a escola, pois só através dela é que poderíamos chegar ao diploma e conseguir emprego.”*; e de seu padrinho de batismo, *“um tenente aposentado, que fazia questão de sempre repetir que o primeiro marido de uma mulher deveria ser o diploma , pois este ninguém conseguiria nos tirar”*, aprendeu que só através do estudo e do diploma conseguiria ser alguém na vida, resolveu ser professora.

Aprendeu a estudar no Ensino Fundamental, época em que a escola era tradicional, havendo prêmios e castigos, e onde não era dada aos alunos a oportunidade de falar e expor seus pensamentos.

Talvez tenha sido a necessidade do diploma, pois por imposição legal, voltou a freqüentar um banco escolar, desta vez na faculdade, cursando Pedagogia.

No curso de Pedagogia sentiu que quando não se estuda, para-se no tempo e no espaço. Tudo o que tem conhecido e estudado, influenciou no seu ato de estudar, pois criou o hábito de quando não está estudando para as provas ou realizando trabalhos, sempre procura ler algo referente a sua área, fato que gerou uma melhora qualitativa em sua prática pedagógica e maior segurança em expor idéias e pensamentos sobre assuntos que, antes, apesar de conhecer, não tinha argumentos apropriados para debatê-los.

Por outro lado, ela fala que o estudo adquirido na faculdade levou-a num conflito muito grande, e num desabafo fala: *“pois enquanto a teoria aprendida na Faculdade bate bem com minhas idéias, convicções e modo de trabalhar, a prática começa a ser imposta e com os meus conhecimentos de hoje andam batendo de frente com meus superiores, ou*

melhor, com minha coordenadora, que ocupa este cargo, não sei por qual razão (política, talvez), não tem faculdade, tenta impor atividades das práticas de professoras hoje já aposentadas, a visão muito da Escola e do Ensino eram muito diferentes das de hoje.”

- **VALDIRENE**

Tem 35 anos de idade, é casada e tem dois filhos. Trabalha como professora em escola municipal, à tarde, e está no magistério há 10 anos. Coursou o Ensino Fundamental e o Ensino Médio em escola pública, graduando-se em 1990, tendo uma interrupção de 10 anos e 6 meses até ingressar na faculdade, em 2001, no curso de Pedagogia, por imposição legal.

Ela contou que quando era criança, *“Só estudava no dia que iria ter prova. Estudava não; decorava a matéria. E para isso, eu tinha um ritual: entrava em meu quarto e ficava lendo em voz alta por diversas vezes, depois fechava o livro ou caderno e repetia o que havia lido, e ainda depois pedia para minha mãe para tomar a lição de mim”*.

Esse ritual perdurou até a adolescência, só que agora ainda fazia um resumo do que havia entendido da matéria. Mas, foi somente quando entrou na faculdade, é que aprendeu a estudar. No início, tentou fazer o velho ritual que conhecia, tirou boas notas, mas não ficou satisfeita. Procurou, então, uma nova maneira de estudar: além de anotar em aula todo o conhecimento passado pelos professores, buscava outros materiais disponíveis, para um melhor entendimento. Com isso adquiriu o hábito de estudar, lendo para informar-se, indo à biblioteca para emprestar livros, usando-a como local de estudo em grupo.

Gosta muito de assistir TV, especialmente filmes, apesar de não ir muito ao cinema, mas orgulha-se em dizer que foi à exposição de Picasso e ao teatro, mesmo não morando em São Paulo. Escolheu ser professora por não ter outra opção. Quando não está na faculdade, prefere estudar sozinha, em seu quarto, três vezes por semana.

O curso de Pedagogia influenciou no seu ato de estudar, pois antes, estudava somente quando era exigido, e agora está sempre procurando informações para melhorar a vida profissional, procurando novos rumos para que seus alunos tenham uma aprendizagem de qualidade, tornando-se assim, o ato de estudar, um hábito que ultrapassa os muros da faculdade e do local de trabalho, utilizando diferentes meios, para que o ato de estudar se torne mais qualitativo.

Ela fala sobre o ato de estudar: *“Hoje, percebo que o ato de estudar é mais do que adquirir informações e conhecimentos momentâneos, mas sim conhecimentos que poderão modificar a minha vida e de outras pessoas”*.

- **SILVANA**

Tem 40 anos, é casada e tem dois filhos. Fez o Ensino Fundamental em escola pública e o Ensino Médio em escola particular, graduando-se em 1982. Teve uma interrupção de 20 anos até voltar a estudar na faculdade, por causa do mercado de trabalho, além de aumentar o seu conhecimento. Escolheu a profissão de professor por influência de familiares, e começou a dar aulas em 1983, em uma escola municipal, e atualmente exerce o cargo de diretora, trabalhando das 8:00 horas às 17:00 horas.

Seu primeiro contato com a escola e com o “estudo” foi aos seis anos: *“Penso que durante os primeiros quatro anos escolares não compreendia o ato de estudar. Tudo era bom, alegre, divertido e realizado com prazer e incentivado pelas professoras. Descobri que estava diante do estudo no momento em que cheguei a quinta série.”*

Pensa que o ingresso na faculdade a levou a dar um salto qualitativo quanto ao ato de estudar, pois: *“O ato de estudar faz parte das aulas, dos comentários do professor, dos alunos, das reflexões e indagações. O estudo se prolonga nas pesquisas, nas leituras e grifos*

de textos, nas pontes que são estabelecidas entre a teoria e o contexto. As aulas trazem o significado e a reflexão sobre nossa prática.”

Ela conclui dizendo: *“Lecionar nos dias atuais exige que a prática seja sempre registrada, refletida, analisada e transformada e novamente registrada... Assim, estudar é um constante ler, anotar, grifar, questionar, reler, precisar de apoio do mestre e construir conhecimento sempre”*.

• LÚCIA

Tem 56 anos de idade, é casada, sem filhos. cursou o Ensino Fundamental em escola pública e o ensino Médio em escola particular. Graduou-se em 1974, e teve uma interrupção de 27 anos até retomar os estudos na faculdade. Trabalha há 23 anos em escola municipal. É professora por vocação, motivo que levou-a também, a fazer Pedagogia.

Ela conta que aprendeu a estudar na faculdade, no curso de Pedagogia, que muito influenciou na sua forma de estudar, pois: *“Eu achava que o Ensino Superior seria a mesma decoreba de antes, prestava atenção no tema, ia para casa, fixava, memorizava e estava tudo certo. Decorava. Mas qual, nada disso aconteceu...”*. E continua: *“...antes lia somente por lazer; com o curso leio para me informar, para estar atualizada na minha profissão, estou sempre pesquisando.”*

Descobriu que estudar não é simplesmente ler, mas interpretar, pesquisar, e quanto mais pesquisa, mais se aprende. Ela escreve: *“Hoje descobri que estudar não é simplesmente ler, mas sim interpretar, é ir mais além, é pesquisar, é quanto mais você pesquisa, mais assuntos interessantes dentro do tema citado pelo professor, você aprende”*.

Faz uso da biblioteca várias vezes durante a semana, fazendo consultas, estudando em grupo. Para estudar dispõe de apostilas, de textos, sublinhando os trechos mais importantes e fazendo fichamento dos livros.

Nos quatro anos de faculdade, sem que percebesse, o ato de estudar foi mudando paulatinamente. Ela escreve: “... *então eu acordei, vi com outros olhos o ato de estudar. Vi que em toda a minha vida de estudante não aprendi, não vou dizer nada, mas quase nada. Era o que chamamos hoje, de alfabético funcional, lia e não interpretava; decorava*”.

- **CÁTIA**

Tem 43 anos de idade, é separada judicialmente, tem 2 filhos. Exerce o magistério há 19 anos, e atualmente trabalha em escola municipal, na parte da manhã. Coursou o Ensino Fundamental em escola pública e em escola particular, graduou-se no Ensino Médio em Contabilidade em 1979, e no Magistério em 1982, em escola particular.

Por influência de outras pessoas escolheu ser professora e o motivo que a levou buscar a faculdade foi por imposição legal, depois de 19 anos. Conta que quando era criança, gostava de estudar em frente do espelho: “*Depois que chegava da escola, trocava o meu uniforme, almoçava, e quando dava o horário (eu tinha horário para estudar), ajudava minha mãe com a louça, pegava o meu caderno, colocava uma mesinha e uma cadeira na frente do espelho do quarto de minha mãe, ligava um radinho de pilha amarelo que ganhei de presente de aniversário e ali eu ficava estudando, cantando, dançando ao mesmo tempo, até terminar todo o dever de casa. ...Terminei a oitava série e acredite, não reprovei um ano sequer e minha mãe me dizia que não sabia como eu havia chegado até lá por causa da maneira como eu estudava. ...E assim foi até terminar o Magistério.*”

Hoje, com a faculdade, aprendeu a ter mais responsabilidade ao estudar: *“Ao entrar para a Faculdade comecei a estudar de uma forma diferente, pois percebi que precisava ser mais responsável para estudar (não que eu não fosse responsável antes), e já não estudava mais ouvindo música e sim num certo silêncio, pois devido a idade e o trabalho com crianças, mudaram meus hábitos de estudo.”*

A sua prática pedagógica mudou, sentindo-se mais segura na sala de aula. Procura estudar antes de passar para os alunos, pois acredita que ninguém pode ensinar aquilo que não sabe. Quando não sabe algo, pesquisa até encontrar a resposta. Ela escreve: *“Foi uma mudança positiva, inclusive junto aos meus alunos, pois escolho os melhores recursos para que eles aprendam, avalio a minha responsabilidade nas principais dificuldades e conquistas dos meus alunos, questiono onde acertei, onde errei, se tive preguiça ou faltou uma visão mais ampla para minhas estratégias didáticas”.*

- **DENISE**

Denise é casada, tem 45 anos e dois filhos. Trabalha em escola municipal, como PEB II, no período da tarde. Coursou o ensino fundamental em escola pública e o ensino médio em escola particular, onde fez o Magistério, por influência de pessoas da família. Passaram-se 23 anos até ingressar na Faculdade, em 2001, por imposição legal.

Recordando-se do ato de estudar quando entrou na escola, diz: *“Quando era criança a escola exigia que se decorasse as matérias. O ensino ainda era muito rígido. Se tivesse chamada ora, e eu não soubesse a resposta, corria o risco de ficar de castigo ou mesmo levar umas reguadas. Nesse tempo, o ato de estudar não era significativo. Estudava porque tinha que estudar. Se não aprendia por bem, o jeito era conseguir decorar”.*

Denise dispõe para estudar das anotações de aulas e das apostilas elaboradas pelos professores, usando a biblioteca da faculdade uma vez por semana, para empréstimos de livros e consultas bibliográficas.

Ao estudar, sublinha os trechos mais importantes, fazendo anotações e comentários, preferindo estudar sozinha. Gosta muito de ler revistas educativas, comprando sempre a Nova Escola, que sempre lê por obrigações profissionais.

Ao ingressar na faculdade é que começou a compreender o ato de estudar, pois criou um hábito de estudo que contribuiu para seu crescimento profissional e pessoal. Ela conta: *“Foi a partir do ingresso na faculdade que comecei a compreender o ato de estudar. Passei a organizar melhor a forma de estudar, que nada tem a ver com a forma que vivenciei quando criança”*.

- **SUZILEI**

Suziley é casada, tem 48 anos e uma filha. Trabalha há nove anos como professora do ensino fundamental de 1^a. à 4^a. , em uma escola municipal, no período da tarde. Coursou o Ensino Fundamental e o Ensino Médio em escola pública e por influência de outras pessoas cursou o Magistério em escola particular. Teve uma interrupção de 26 anos até entrar na faculdade, o que aconteceu por imposição legal.

Para estudar dispõe de anotações das aulas, usando a biblioteca para consultas bibliográficas uma vez por semana. Ao estudar, costuma fazer fichamentos e marcas interrogativas quando algum trecho parece confuso ou polêmico, preferindo estudar sozinha quando não está em sala de aula.

Suziley conta que aprendeu a estudar com uma amiga, quando fazia o antigo ginásio: *“Foi no ginásio que conheci minha amiga Ana Maria, pessoa meiga e muito inteligente, pois*

a mesma tinha em sua casa o hábito de leitura; fiquei encantada quando ela me ensinou o valor do hábito de ler e aprendi realmente o que é estudar”.

Ao falar sobre o ato de estudar ela nos relata: *“Hoje me sinto realizada em poder estar estudando, após vinte e seis anos de estar fora dos bancos escolares. A pessoa perseverante usufrui melhor do ato de estudar, pois se conscientiza de que em sua vida deve haver um determinado tempo no qual ela se desliga do mundo e se compromete a estudar e pesquisar sobre vários assuntos”.*

Ao responder como a formação que recebeu no curso de Pedagogia influenciou na sua forma de estudar, Suziley disse: *“Em tudo, na maneira de observar, analisar e refletir”.*

- **SÔNIA MACHADO**

Sônia tem 50 anos, é solteira, sem filhos. Trabalha há 24 anos como professora (PEB II), e atualmente leciona em uma escola municipal, no período da manhã. Coursou o Ensino Fundamental em escola pública e o Ensino Médio em escola particular, tendo terminado o Magistério em 1981.

Após um período de 21 anos, voltou a estudar, escolhendo o curso de Pedagogia para aumentar o conhecimento e também por imposição legal.

Para estudar, usa anotações feitas em aula, fazendo esquemas, fichamentos e marcando com interrogações quando algum trecho parece confuso ou difícil. Gosta de estudar sozinha, em seu quarto, sentada em uma poltrona, nos fins de semana.

Disse que aprendeu a estudar no ensino fundamental, e que entrou na escola já sabendo ler: *“Eu sou filha caçula e sempre estudei com minhas irmãs, que freqüentavam a mesma escola, em séries diferentes. O que me recordo, é que eu achava bonitos os livros em*

que elas estudavam. Entrei na escola sabendo ler, pois aprendi através da cartilha Caminho Suave, que era da minha irmã e ficou para mim.”

Ao ser perguntada sobre como a formação que no curso de Pedagogia influenciou a sua forma de estudar, respondeu: *“Através do estudo passei a adquirir mais conhecimento no meu trabalho e na minha vida pessoal. Para mim, estudar é obter conhecimento e é através do conhecimento adquirido que consigo enxergar cada aluno de uma maneira diferenciada, e que na maioria das vezes passa despercebido alguma lacuna na sua aprendizagem”.*

- **SONIA MARIA**

Sonia Maria tem 45 anos, é casada e tem três filhos. Trabalha em duas escolas, em uma como PEB I durante as manhãs e em outra como PEB II durante as tardes. Está no magistério há 20 anos, profissão que escolheu por influência de familiares. Coursou o Ensino Fundamental e o Ensino Médio em escola pública, e teve uma interrupção de 24 anos até retornar aos estudos em 2001, quando ingressou na Faculdade para cursar Pedagogia, por causa do mercado de trabalho.

Sonia estuda principalmente através de apostilas elaboradas pelos docentes e de anotações feitas durante as aulas, usando a biblioteca toda semana como local de estudo em grupo e também para fazer consultas bibliográficas. Durante a leitura de textos de estudo, faz esquemas, marcas para dividir as partes do texto e interrogações quando algum trecho parece confuso ou difícil. Em casa, gosta de estudar à noite, depois da faculdade, na cozinha, que é o seu lugar especial para estudar.

Ela conta que tinha dificuldade em Geografia e História, e aprendeu a estudar com uma amiga, quando estava no Ensino Fundamental de 5^{a.} a 8^{a.} Séries: *“Era difícil para mim, o ato de estudar, fazer as avaliações, e principalmente, as matérias de Geografia e História.*

Essas eram matérias para serem decoradas, ou melhor, entendidas, para se realizar uma boa prova, mas eu não conseguia e era preciso que minha amiga me explicasse com suas palavras, para que eu viesse a compreender. A partir daí, eu sentia uma necessidade enorme em estudar, pois me questionava, se ela conseguia entender, por que eu não? Mas infelizmente sempre tive que estudar para as provas junto com ela. Com o tempo descobri que eu não era esse ‘poço’ de incompreensão e que tinha algo para lhe dar em troca que era: explicações matemáticas. Assim, solucionamos os nossos problemas de estudo; ocorria uma troca constante.”

Sobre a influência que o curso de Pedagogia teve sobre a sua vida profissional, Sonia Maria refletiu: *“Com o curso de Pedagogia consegui ampliar o meu olhar, de como chegar até o meu aluno, entendendo melhor o que é ensinar e ele compreendendo aquilo que pretendo passar para ele.”*

Continua dizendo como a sua prática profissional influenciou sobre a sua forma de estudar: *“Para nós professores, o ato de estudar requer uma busca constante de soluções de problemas encontrados dentro de nossa sala de aula, não como uma forma de sanar todas as dificuldades, e sim, de encontrar uma maneira mais produtiva de trabalhar.”*

E termina sua reflexão falando sobre o ato de estudar: *“O estudo ajuda a formar opinião, a estruturar o pensamento e a controlar os sentimentos. Estudar é muito bom, pois temos a possibilidade de abrir novos horizontes e de experimentar com nossas próprias vivências, alternativas que possam concretizar o objetivo que alcançamos”.*

- **ELIANA**

Eliana tem 44 anos, é divorciada e tem quatro filhos. Trabalha como professora há 17 anos, estando atualmente lecionando em uma escola municipal, como PEB II, no período da manhã.

Cursou a Escola Fundamental em escola pública até a sétima série, e os últimos anos estudou em escola particular, a mesma em que cursou o Ensino Médio, tendo escolhido fazer o Magistério por vocação. Teve uma interrupção de 20 anos entre o final do Ensino Médio e o ingresso na Faculdade, por imposição legal, como escreve: *“Mas em 1997, surgiu a lei de que o professor seria obrigado a ter o curso de Pedagogia e a rede municipal de ensino de Boituva reembolsou o curso, resolvi agarrar a oportunidade, porque sempre sentia uma necessidade em me aperfeiçoar”*.

Eliana estuda principalmente através das anotações que faz durante as aulas, dos livros que empresta da biblioteca e das apostilas elaboradas pelos professores. Para estudar, costuma fazer marcas interrogativas quando algum trecho parece confuso ou difícil, estudando sempre em função das exigências das disciplinas. Ela escreveu: *“Aprendi a estudar de outro jeito; agora é preciso valorizar cada momento, tanto durante a aula, como depois. Quando chego em casa, à noite, leio as anotações que fiz no caderno e leio a apostila com atenção redobrada. Quando sinto necessidade, procuro um livro que fale sobre o assunto que foi discutido na aula e assim fui adquirindo o hábito de leitura e de estudo”*.

O curso de Pedagogia influenciou a sua forma de estudar, assim como a sua prática profissional influenciou na sua forma de estudar. Escreveu: *“Aprendi a estudar pesquisando no curso de Pedagogia, a interpretar e organizar minhas idéias. Posso afirmar que aprendi muito com meus alunos porque durante o dia eu sou a professora, mas à noite, o meu papel é o contrário, de aluna. Através da empatia, aprendi a me colocar no lugar deles e sempre que*

sentia dificuldade observava como eles faziam. Eles sempre buscavam, argumentavam e não sentiam receio de dizer não entendi”.

E concluiu, dizendo: *“Na minha opinião, estudar é buscar uma solução para um problema que nos aflige, esteja a solução onde estiver. Notei recentemente, que posso argumentar, sempre embasada no estudo, mas sem ser radical, respeitando a opinião das outras pessoas”.*

• ISABEL

Isabel tem 36 anos, é casada e tem dois filhos. Começou a trabalhar como professora há 16 anos, e hoje leciona em uma escola municipal, à tarde. Coursou o Ensino Fundamental em escola pública e o Ensino Médio em escola particular, terminando o magistério em 1988, o qual fez por influência de sua primeira professora. *“Gostava tanto dela, que ao chegar em casa, depois da aula, brincava de escolinha com meus irmãos ou colegas e através dessa brincadeira eu estudava, sem perceber a importância dessa brincadeira. Os anos foram passando, e eu continuava a brincar de escolinha, pois era uma maneira inconsciente de estudar. Eu era sempre a professora, e gostava que todos prestassem atenção na minha aula”.*

Ao entrar para a 5^a. Série, sua maneira de estudar modificou-se, passando a decorar as matérias para tirar boas notas, pois era pressionada por seus pais e professores. *“Em casa usava-se a velha decoreba e se não saísse como queriam, acabava ficando de castigo. Quando chegava na escola, o mesmo sistema era utilizado pelos meus professores”.*

Quando começou a lecionar, é que sentiu que realmente estudava, pois *“Quando começamos a lecionar passamos a dar mais importância ao ato de estudar, pois é*

imprescindível que os nossos alunos sigam nosso exemplo e que também aprendam a gostar de estudar, e que saibam a importância que isso terá no futuro”.

Após 13 anos fora da escola, foi fazer o curso de Pedagogia por imposição legal, e na faculdade é que compreendeu o verdadeiro sentido de estudar. Agora, estuda de uma forma que lhe dá prazer, mais concentrada, dispendo para estudar das anotações que faz em aula, das apostilas elaboradas pelos docentes e xerox dos textos indicados, sublinhando trechos mais importantes, fazendo anotações e comentários, assim como sinais que indiquem elementos importantes no texto. Prefere estudar sozinha, em seu quarto, em horários variados conforme a sua disponibilidade, e em função das exigências das disciplinas. Usa a biblioteca uma vez por semana, para empréstimos de livros e para estudo em grupo.

Isabel fala do ato de estudar: *“O ato de estudar não é algo que só vamos exercitar na escola; esse ato começa logo que começamos a perceber o mundo. O estudo nos acompanha durante toda a vida, pois sempre estamos aprendendo coisas novas. O estudar nasce e morre conosco, pois o homem só pára de aprender quando morre”.*

2.2 As Condições da Pesquisa

A história de vida é outra maneira de considerar a educação. Já não se trata de aproximar a educação da vida, como nas perspectivas da educação nova ou da pedagogia ativa, mas de considerar a vida como espaço de formação.

Dominicé (1988).

Ao se trabalhar com histórias de vida na pesquisa, deve-se dar uma grande atenção à forma que os sujeitos investigados relatam suas vidas, procurando compreender o que leva a

vida ser relatada da forma como foi, da maneira como foi coletada e por meio de que instrumentos.

Nesta pesquisa optou-se por narrar a própria vida através da fala e da escrita, apesar dos limites e possibilidades que devem ser consideradas, pois a escrita, mesmo sendo um ato solitário, não está livre da presença virtual de um leitor, que poderá influenciar o relato. Por isso, o esforço em apresentar um relato segundo os padrões formais da linguagem escrita, poderá diminuir os esforços no sentido de trazer à vista, certos fatos e lembranças.

Ao mesmo tempo, tem-se o relato oral, o qual foi coletado diretamente pelo investigador através de entrevista pessoal com os investigados, tendo o investigador plena consciência da complexidade dessa relação e quanto ele poderá estar manipulando-a, mesmo que não intencionalmente.

A relação que se estabelece entre pesquisador e pesquisado na coleta oral dos dados, de acordo com Ferrarotti (1988, p.27), é que “toda a entrevista biográfica é uma interação social completa, um sistema de papéis, de expectativas, de injunções, de normas e de valores implícitos e por vezes até de sanções”.

Por outro lado, deve-se considerar a compreensão que o pesquisado tem do significado e do uso que se fará de sua narrativa. O pesquisador deverá informar o uso que se fará do que for escrito, bem como fornecerá os objetivos da pesquisa, procurando minimizar os efeitos que essas informações iniciais poderão gerar.

Os fatos e os acontecimentos de uma vida escrita e narrada devem ser vistos pelo pesquisador como posições ou colocações que o indivíduo ocupa no espaço social no momento considerado, e como movimentos ou deslocamentos que conduzem de uma posição a outra. Essas posições e movimentos, que são determinadas pela história passada, pela situação presente e pelo futuro do indivíduo, devem ser objeto de atenção do pesquisador.

Partindo da hipótese de que as alunas-professoras de Pedagogia devem desenvolver habilidades específicas de estudo, já que estas são necessárias à atuação profissional e à atividade acadêmica, a pesquisa tratou de buscar um espaço de realização e esse espaço teria de ser o escolar. A minha visão sobre as alunas-professoras está baseada em quatro tipos de observações:

- A primeira observação se refere a um trabalho feito pelas alunas, em setembro de 2001, logo após o início do ano letivo que é semestral, e iniciado em agosto de 2001, quando eu lhes pedi que fizessem uma redação sobre o “ato de estudar”. Devo ressaltar, que o Instituto Superior de Educação de Boituva em que as alunas-professoras estudam, é uma faculdade particular recém-inaugurada, sendo esta a primeira turma do curso de Pedagogia.
- A segunda observação se refere a um questionário especificamente sobre alguns dados sócio-econômico, familiares e de hábitos de estudo das alunas-professoras, desenvolvido em abril de 2005.
- A terceira observação se refere a uma entrevista semi-estruturada, feita após o questionário, onde as alunas-professoras narraram suas histórias de vida pessoal e profissional, dando ênfase ao ato de estudar.
- A quarta observação se refere novamente às redações, que foram repetidas depois ao final do curso, em maio de 2005, buscando obter mais dados sobre o hábito de estudar e sobre suas vidas.

O que se pode dizer dessa pesquisa é o seguinte:

- a) Em 2001, comecei a trabalhar em uma faculdade de uma cidade do interior de São Paulo (Boituva), em um Instituto de Educação Superior recém inaugurado, semestral, que havia

iniciado suas atividades em fevereiro de 2001 com o curso de Administração de Empresas e em agosto do mesmo ano começou a funcionar o curso de Pedagogia. Era uma classe muito peculiar: pequena, com 22 alunas, sendo que somente duas não trabalhavam com crianças. Tinham retornado à escola depois de muitos anos de afastamento e estavam com dificuldades em recomeçar pelos mais diversos motivos. Minha disciplina era Língua Portuguesa, e durante as aulas, conversando e interagindo com as alunas, percebi que tinham deficiências na escrita, na leitura, na compreensão e interpretação de textos, não somente em Língua Portuguesa, mas nas outras disciplinas também e, para minha surpresa, elas não sabiam estudar. Preocupada com o problema, pedi-lhes que fizessem, durante a aula, uma redação contando sobre o ato de estudar, como o compreendiam, como o faziam e como o transmitiam a seus alunos. Das 22 alunas, 19 alunas fizeram a redação, ou seja, apenas 3 não a fizeram. Ao ler as redações, percebi que as alunas escreviam histórias de suas vidas ao mesmo tempo em que escreviam sobre o ato de estudar. A partir daí, resolvi observá-las mais atentamente, e como já estava cursando o Mestrado em Educação, surgiu a idéia de usar o problema das alunas como tema da dissertação.

As redações encontram-se no ANEXO A.

- b) Durante esses quatro anos de convivência com as alunas, pude conhecê-las melhor, e fui percebendo como a faculdade foi aos poucos, influenciando e mudando o comportamento, o modo de pensar e as atitudes dessas alunas, principalmente aquelas relacionadas com o ato de estudar.
- c) Em abril de 2005, como estavam no final do último semestre do curso de Pedagogia, resolvi fazer um questionário a fim de obter mais dados sobre as alunas. Como o

questionário era facultativo, somente 16 alunas participaram. A elaboração do mesmo foi difícil. Inicialmente, foram feitas 45 perguntas, que depois de refletidas, foram mudadas, elaborando-se melhor o questionário, e resultando assim, em um piloto, que foi respondido por alunas de outra classe. Ao verificar as respostas dessas alunas, encontraram-se algumas perguntas confusas, que foram trocadas por outras, mais elaboradas. Resolvidas as questões com problemas, aplicou-se, então, um último questionário piloto, com diferentes alunas, chegando ao resultado final, que é o questionário que faz parte desta pesquisa. As alunas receberam o questionário e o responderam em suas próprias casas, sem que nada sobre o mesmo lhes fossem explicado. O questionário é composto de cinco partes, divididas com perguntas da seguinte maneira: sete perguntas sobre informações gerais; duas perguntas sobre a formação escolar; seis perguntas sobre hábitos de estudo; oito perguntas sobre outras atividades; nove perguntas sobre o ato de estudar.

As perguntas juntamente com as respostas encontram-se no ANEXO C.

- d) Ao repetir as redações, em maio de 2005, somente doze alunas participaram, uma vez que uma aluna havia repetido o ano, duas alunas haviam mudado de faculdade, quatro alunas não trabalhavam como professoras e as outras três não quiseram participar da pesquisa. Essa segunda redação foi feita na própria casa das alunas.

As redações encontram-se no ANEXO B.

- e) Como estou trabalhando com histórias de vida, também foram gravadas ao final do curso de Pedagogia, entrevistas pessoais. Doze alunas-professoras concordaram em participar da entrevista. De todas as ferramentas usadas nesta pesquisa, a entrevista pessoal foi a que mostrou ser mais adequada, tendo as alunas-professoras maior oportunidade de narrar

livremente a sua vida pessoal e profissional, mesmo tendo sido elaborado um roteiro, que foi baseado no questionário, contendo alguns pontos considerados importantes, para o caso de se fazer necessário levar as alunas-professoras a falar mais sobre determinados fatos, mesmo considerando que o objeto da narrativa – o ato de estudar – já tivesse sido informado. O local e horário das entrevistas foi na própria faculdade, por causa da disponibilidade de tempo e horário das alunas-professoras.

As transcrições das entrevistas encontram-se no ANEXO D.

- f) Optei por trabalhar somente com as doze alunas-professoras, que participaram de todas as atividades pedidas, e são delas, os dados obtidos nesta pesquisa.

- g) Após a leitura e análise das redações na primeira e segunda observação, do questionário e também da entrevista, buscou-se proceder a uma organização dos dados obtidos, que contribuíram para o desfecho desta pesquisa. Essa organização foi necessária, pois apesar de ter um roteiro, as entrevistas não ocorreram na forma de perguntas fechadas, e como as transcrições foram realizadas na íntegra, tornaram-se repletas de repetições. A partir das várias leituras de todo o material obtido, selecionaram-se aqueles que tivessem uma relação mais direta com o objeto de estudo, de modo a se constituírem em elementos que pudessem dar sustentação às hipóteses iniciais, e também dar ensejo a outras.

- h) Segundo Ferraroti (1988), a análise interpretativa das histórias de vida deve ordenar e compreender sem tirar a naturalidade, sem impor um esquema pré-estabelecido. Nesse sentido, foi através do que as alunas-professoras escreveram, narraram e identificaram como fatos e acontecimentos, às vezes conflitantes de sua vida pessoal e profissional, que

se buscou as teorias através das quais se pudesse compreender e desvelar o processo do ato de estudar.

- i) As doze histórias de vida com as quais trabalha esta pesquisa são protagonizadas por pessoas que possuem muito em comum: estudaram o antigo primário em escolas públicas; brincavam de escolinha quando eram crianças; fizeram o Magistério, trabalharam no início da carreira em Itapevi ou Carapicuíba e tinham que viajar diariamente; prestaram concurso de ingresso para o magistério; trabalham em escolas municipais; são casadas e têm filhos; entraram na faculdade por causa da lei que as obrigava a ter curso superior; a faculdade foi paga pela prefeitura; tiveram muitas dificuldades no início da faculdade; aprenderam a estudar na faculdade. Essas similaridades, entre tantas outras que poderiam ser citadas, permitem que se encontrem determinações sociais, culturais, etc., que podem explicar, até certo ponto, a semelhança das trajetórias pessoais e profissionais das alunas-professoras.

- j) Assim, com o objetivo de não perder de vista a globalidade do problema, embora estes dados digam repeito às alunas-professoras do oitavo semestre do curso de Pedagogia do Instituto de Educação Superior de Boituva, cabe destacar que, certamente, eles poderão ser encontrados no percurso de outras alunas-professoras, e serão os responsáveis pelo problema do ato de estudar.

3 O ATO DE ESTUDAR

3.1 Considerações sobre o Ato de Estudar

Estudar exige disciplina. Estudar não é fácil porque estudar é criar e recriar é não repetir o que os outros dizem. Estudar é um dever revolucionário!

Paulo Freire (2001)

Estudar não é decorar sem compreender; é uma arte que abrange o domínio de habilidade e técnicas, que podem ser aprendidas através de exercícios.

O ato de estudar tem em vista dois objetivos fundamentais: a aquisição de conhecimentos e a aplicação desses conhecimentos na prática. Sob o ponto de vista do desenvolvimento cultural e humano, o objetivo principal do estudo é a formação integral do indivíduo, capacitando-o à uma vida com plenitude, tanto no nível intelectual como no coletivo, uma existência ativa e consciente. Estudar, visto sob esta perspectiva, é a habilidade de adquirir uma boa formação mental que possibilite apreender o mundo e interpretar a realidade.

Dessa forma, o estudo seria uma habilidade mental que poderia definir-se de acordo com as seguintes características: flexibilidade, agilidade, capacidade crítica, criatividade, curiosidade e sensibilidade intelectuais, capacidade para análise e síntese, e facilidade de leitura e expressão. Estas características podem ser potencializadas e organizadas de forma

que o objetivo de estudar seja alcançado em seu sentido verdadeiro, ou seja, a qualidade do estudo deve sobrepujar a quantidade que se estuda. Saber estudar significa saber como pensar, observar, concentrar-se, organizar-se e analisar.

A capacidade de estudar com êxito não é um dom misterioso que algumas pessoas possuem e outras não; mas, se trata de um sistema que permite aplicar as próprias faculdades para dominar um conhecimento ou uma habilidade, o que faz com que qualquer pessoa que se proponha, poder adquirir o método que quer desenvolver para estudar. Neste sentido, o ato de estudar é uma consequência consciente tanto dos estudantes quanto dos próprios professores, de técnicas, de compreensão e de aplicação constante de métodos idôneos.

Estudar é quase sempre um trabalho que demanda força de vontade, disciplina, e uma postura crítica sistemática; enfim, estudar é um trabalho difícil. A pessoa que se dedica ao ato de estudar deve assumir o papel de sujeito deste ato, sendo impossível estudar seriamente, se, o que se estuda, estiver muito influenciado pela palavra do autor, somente conseguindo memorizar as suas afirmações.

Quem estuda seriamente um texto, está sempre buscando as relações entre o conteúdo de que se estuda com as outras dimensões do conhecimento, recriando, rescrevendo, reinventando o texto. É importante ter uma atitude crítica no estudo, da mesma forma que se tem uma atitude crítica diante do mundo, da realidade, da própria existência, sendo que o estudo sério de um texto implica não somente em seu conteúdo básico, mas também em permanente estado de predisposição à busca.

A razão pela qual o ato de estudar não se reduz à relação leitor-texto, é que no fundo, o ato de estudar é uma atitude frente ao mundo, pensando a prática, e não perdendo a oportunidade, em suas relações com os outros, com a realidade, para assumir uma postura diferente de perguntar, de indagar, de buscar, e de pensar a prática, pois a melhor forma de pensar certo, é pensar a prática de cada um.

Quase todo aluno, não só de épocas passadas como da atual, sonha em aprender sem estudar. A fixação espontânea do conhecimento se realiza sempre que no ato de aprender intervém o interesse e a emoção, juntos ou separadamente.

Com base em vários autores como Celso Antunes (2002), Emilio Mira y López (1968), Marco Aurélio P. Ribeiro (2004), Martin Rhodes (1979), Paulo Afonso aruso Ronca (1996) que discorrem sobre a necessidade que o estudante tem de resolver os problemas que originam a aprendizagem, isto é, o quê, o porquê, o como, o quando, o quanto e o onde estudar, é tarefa do professor, fazer do estudo uma fonte de prazer e de satisfações, ensinando na medida da capacidade e da necessidade individual de cada aluno.

Porém, não é uma tarefa somente do professor; todas as pessoas que convivem com o aluno também poderão exercer influência na medida em que o pressionem, segundo suas próprias expectativas e desejos de êxito. Assim, uma família harmoniosa e compreensiva, os companheiros de classe, os amigos, também exercem sua influência, no sentido de incentivar ou não, o desejo de aprender mais e compartilhar, através da comunicação, os novos conhecimentos.

Toda situação em que se apresenta problema ou exija reação para a qual não se possui hábito anterior eficiente, requer ser estudada. Neste caso, estudar a situação significa analisar para poder compreender os elementos que a integram, imaginar as possíveis soluções, ponderar os prós e contras de cada uma, e decidir a qual é mais acertada.

O ato de estudar não se deve limitar à assimilação de dados ou material bibliográfico, mas deve se estender à consideração e investigação diretas da realidade que se quer captar. Por isso, estudar é concentrar todos os recursos pessoais na captação e assimilação dos dados, relações e técnicas que conduzem ao domínio do problema; e aprender é obter resultado despertado na atitude do estudo.

Já na década de 60, falava-se da importância do ato de estudar e na sua estruturação, como pudemos notar que de acordo com Mira y López (1968) pode-se estudar e não aprender (esforço ineficiente), sendo que a concentração de captar os dados fracassa por diferentes motivos, e pode-se aprender sem estudar (esforço desnecessário), pois a captação assimilativa do conhecimento se produz automática e espontaneamente, através de um aprendizado inconsciente, imitativo.

Mira y López (1968) diz que o ato de estudar é compreendido de diferentes maneiras entre os alunos:

- Há alunos que estão sem estar na aula, isto é, simulam uma atenção que, na realidade, se acha presa por tudo, menos pela palavra do professor;
- Há alunos que vão e vem, isto é, escutam e prestam atenção periodicamente, captando aqui e ali conhecimentos fragmentados, independente de ser o ensino teórico ou prático, mas são incapazes de construir um conceito coerente e unitário da matéria;
- Há alunos que concebem o estudo como uma pesada obrigação, e se submetem a ela resignados e relativamente disciplinados, com o único propósito de conseguir conquistar a nota para a aprovação, para logo depois se esquecerem dos conteúdos aprendidos; e repetem isso ano a ano, até conseguirem o tão almejado diploma;
- Há alunos que vão à escola (principalmente na Universidade) para satisfazer uma necessidade de espírito, sedentos de saber, que não se satisfazem com a simples armazenagem de fatos ou informações, mas procuram investigar o que se esconde por detrás delas; comportam-se de modo inteligente diante do problema do estudo, entusiasmando-se com algo que para os outros é puro passatempo ou obrigação.

O ideal seria que a grande maioria dos alunos se preocupasse mais com a cultura como fim do que como meio, e utilizasse os materiais do conhecimento como simples pontos de

apoio para seu verdadeiro propósito de chegar à descoberta de verdades para compreender e explicar fatos concretos.

A finalidade do estudo, ou seja, para que se há de estudar, é de suma importância, pois propõe o que se poderia chamar de ética do estudo. Grande parte dos estudantes, como já foi dito anteriormente, passa pela escola visando apenas o certificado que os habilita para instalar um negócio profissional, fazendo sacrifícios de tempo e dinheiro esperando obter logo um benefício econômico. Afinal, para que se estuda? Estuda-se olhando para si próprio, ou de frente para o mundo, encarando-o como quem quer modificá-lo, transformá-lo.

Quando se encara o estudo dessa forma, caem por terra expressões que demonstram o alto grau de dependência em que vivem muitos estudantes: Isto vai cair na prova? Para que estudar se não vai haver prova? Eu estudei tanto e só caiu isso na prova? A cultura nunca deve ser posta a serviço de interesses fúteis, mas sim, deve-se mergulhar cada dia mais nela para fortalecer-se.

Por que estudar? O homem estuda porque não tem outro processo mais fácil para chegar a saber. O estudo não precisa ser realizado somente com livros, isto é, mediante a leitura de textos, mas pode valer-se de um diálogo ou conversa com um professor. Portanto, o que caracteriza o estudo é a aptidão para vencer dificuldades de compreensão e de execução de aprendizagem, de um modo perseverante e sistemático, seja qual for o modo de conseguí-lo.

Para a pergunta como estudar existem diversas técnicas que permitem obter o máximo de rendimento no estudo; mas é preciso selecioná-las em cada caso, tendo em conta o tipo de aluno, a matéria que há de aprender e os meios de que dispõe.

Para responder quando estudar, quanto estudar e onde estudar dependerá das condições individuais e do tipo de estudo de cada estudante. A condição física do estudante e o local onde ele irá estudar exercem grande influência no resultado final do ato de estudar.

Para isso, deverá ser levada em conta a condição peculiar do aluno quanto ao tempo, ambiente, lugar, assunto que Mira y López (1968) nos fornece exemplos:

- Não é aconselhável começar a estudar logo após uma refeição pesada, ou logo depois de passar por uma forte emoção;
- A ingestão de bebidas alcoólicas, o excesso de café, bem como fumar em demasia, também prejudicam o rendimento no estudo.
- Não é adequado começar a estudar depois de dormir muito ou de não ter dormido horas suficientes; o ideal é dormir pelo menos 8 horas diárias;
- Praticar algumas atividades físicas, acompanhadas de exercícios respiratórios;
- Seguir uma dieta saudável;
- Não utilizar drogas;
- Estudar em frente a uma mesa, em condições de silêncio adequadas, com boa iluminação e com todo material de estudo ao alcance da mão;
- Enfim, um local onde o aluno possa dedicar-se ao ato de estudar, com concentração e conforto.

Ao estudar, o aluno precisa estar a par da bibliografia que se refere ao tema, e deve assumir uma relação de diálogo com o autor do texto, mesmo que não tenha a ideologia do autor, demonstrando posições humildes, coerentes com a atitude crítica, não se sentindo diminuído ao deparar com dificuldades para compreender o texto, que nem sempre se dá facilmente. A compreensão de um texto não é algo que se receba de presente; é preciso insistência na busca de seu entendimento. O ato de estudar não pode ser medido pelo número de páginas lidas numa noite ou pela quantidade de livros lidos em um mês e nem é um ato de consumir idéias, mas é um ato de inventar idéias, de reinventá-las, de criá-las, de recriá-las.

Estudar deveria ser entendido como um grande investimento, cujo lucro seria o grande crescimento do país com cidadãos mais letrados, portanto, mais conscientes, mais pensantes e críticos.

Estudar na escola é direito garantido a todos. O educador tem a responsabilidade de ensinar, mediar, levar o aluno a aprender a aprender. Por isso, concluímos após a leitura dos autores citados durante a pesquisa, que para conseguir tudo isso o educador precisa:

- Ter um olho novo para ver as coisas velhas de maneiras diferentes;
- Ser protagonista do conhecimento;
- Ser um eterno aprendiz, curioso e também despertar no aluno essa curiosidade;
- Provocar e não ter receio de ser provocado;
- Ser inquieto, aquele que amplia e torna mais complexa a visão do mundo;
- Orientar, conduzir, mas também deve saber se colocar no lugar de coadjuvante, permitindo que seus alunos sejam protagonistas de seus processos educativos enquanto seres íntegros;
- Oferecer instrumentos para que o aluno caminhe com autonomia;
- Pontuar, interferir, ajudar a ver o que não se via antes;
- Observar, falar, ouvir e aprender com o aluno;
- Ser um leitor de si mesmo, do outro, do mundo;
- Aprender a ler;
- Saber ler e conduzir os passos para uma leitura mais ampla;
- Ser um pesquisador;
- Ensinar a ler;
- E mais do que tudo, ensinar a estudar.

Para estudar é preciso saber ler diferentes tipos de textos e gêneros, ler nas entrelinhas, ler o contexto, interagir com o outro. Não se lê ou se estuda só na escola. O importante é

atribuir um sentido à leitura e ao estudo, e conseqüentemente, à vida. Como já dizia Paulo Freire (1996 p.59): “Um texto para ser lido é um texto para ser estudado. Um texto para ser estudado é um texto para ser interpretado. O que caracteriza o ato de estudar é a atitude séria e curiosa na procura de compreender as coisas e os fatos que observamos”.

Por isso o papel do educador é fundamental. Como gerar alunos autônomos e produtores se isto não for ensinado? Como formar alunos instigantes que possam dialogar com o texto, interagindo, desenvolvendo a percepção dos sentidos, questionando, criticando, saboreando, se rebelando, se não for desenvolvido neles o ato de estudar?

É tarefa de todo professor discutir com seus alunos sobre a dimensão da autonomia que todos precisam procurar e perseguir nos estudos: estuda-se, anota-se, lê-se, escreve-se, resume-se, pensa-se, para poder, enfim, crescer como pessoas e participar do mundo como agentes, atuantes e modificadores. A autonomia pressupõe o domínio da leitura e da escrita. Contudo, ao ser sugerido um trabalho escolar pelo professor, a grande maioria dos alunos, abrirá um livro sobre o assunto, e copiará literalmente o texto. E como hipótese, chega-se à conclusão, que depois de muitos anos de estudo, esses alunos não sabem ler e escrever, não têm autonomia, emancipação, independência, liberdade.

Assim, é importante que os educadores façam um preocupado esforço para sempre estabelecer possíveis relações entre os respectivos conteúdos a serem ensinados em sala de aula, com a humanidade, com a sociedade em geral e a comunidade estudantil em particular.

Muitos adultos já exercendo a profissão escolhida param de estudar assim que terminam a faculdade. Por que isso acontece? Existem respostas, com mais hipóteses do que com certezas, para a pergunta: por que as pessoas param de estudar?

- a) Não há mais obrigatoriedade de se continuar em cursos regulares;
- b) A grande maioria não se dedica mais ao estudo;
- c) Muitas vêem o ato de estudar como algo aborrecido e chato;

- d) Outras não têm mais atenção e tempo regulados para o ato de estudar;
- e) O corre-corre imediato as leva a ganhar dinheiro para sobreviver;
- f) Ou falta-lhes o caráter da cobrança, que foi imposto durante os anos do boletim?

Estuda-se para alguma coisa, para crescer, para compartilhar o conteúdo estudado, para modificar o mundo. Estudar é, por um lado, um ato subjetivo por excelência, íntimo, interior, quase secreto; todavia, de outro lado, é eruptivo, brotando de dentro para fora.

Quando estuda, a pessoa insere-se, dinamicamente, na sociedade com a qual passa a ter uma relação dialética: ao mesmo tempo em que a modifica, lentamente, ao mesmo tempo modifica-se, energicamente. Assim compreendido, estudar é um ato de cidadania.

3. 2 – Aprendendo a Estudar

De ordinário, o estudo é também um recurso para os que têm alguma coisa que esquecer na vida.

(Machado de Assis)

O estudo é uma atividade importante. Ao aprender a estudar melhora-se o desempenho na vida escolar, nas avaliações, e na vida profissional. A sociedade está cada vez mais seletiva, levando com que as exigências em relação ao nível de capacitação sejam ascendentes tanto em relação às capacidades individuais, tais como falar um idioma estrangeiro, ter noções de informática ou expressar-se bem em público, como também em relação à titulação.

O estudo, portanto, que já era uma atividade presente na vida de todos, principalmente na dos estudantes, passa a ter sua importância redobrada, não sendo possível, hoje em dia, abrir mão das oportunidades de aprendizagens novas.

Aprender a estudar é complexo e demanda um conjunto de procedimentos de reflexão, análise, estratégias, tempo, propósitos. É preciso que o professor e o aluno se envolvam em

projetos de estudo que tenham qualidade, que sintam desejo de estudar, de buscar formas diferentes de estudo, de compartilhar, de dialogar, de interagir, de aprender, de saber estudar coisas simples e outras complexas, e por que não, de sonhar que estudar não é um ato tão complicado, que ao estudar, se vive melhor.

Espera-se que as condições físicas do aluno e as de seu ambiente de estudo sejam favoráveis, possibilitando o trabalho atento e tranqüilo. Por esta razão, explorando Ribeiro (2004), que relaciona determinadas questões para que possamos ter um manejo no ato de estudar, vemos que:

- Planejar os horários para se estudar oferece vantagens, permitindo ao aluno:

- Estudar o que se propõe, no tempo certo;
- Evita esbanjar o tempo e estudar mais do que o necessário;
- Criar o hábito do estudo;
- Alivia psicologicamente;
- Permite maior concentração.

Continuando a explorar Ribeiro (2004) podemos sentir que:

- Ao se planejar esse horário pessoal, deve-se levar em conta os seguintes elementos:

- Considerar os horários e o tempo das outras atividades;
- Distribuir bem o horário entre as disciplinas a serem estudadas, nunca estudando disciplinas afins uma após a outra;
- Reservar 15 minutos para descanso, a cada intervalo de 2 horas de estudo;
- Fazer exercício físico regularmente;
- Ser realista e ajustar-se ao seu ritmo de vida;
- Cumprir o horário determinado.

Continuando com o pensamento de Ribeiro (2004) verificamos que:

- Para garantir o êxito do cumprimento do horário de estudo, devem-se seguir as seguintes estratégias:

- Avaliar o cumprimento de suas metas e propósitos;
- Adequar bem o local de estudo;
- Realizar exercícios de concentração;
- Procurar estudar nas horas mais adequadas, segundo um planejamento prévio;
- Controlar os pensamentos;

- Fazer compreender à família e aos amigos a importância de seu estudo, para que respeitem a sua atividade;
- Conquistar seu lugar de estudo, fazendo-o respeitado pelas demais pessoas.

Continuando na mesma linha, Ribeiro (2004) nos orienta a conhecer e dominar alguns elementos para dar início à tarefa de estudar, com a certeza do êxito. Estes elementos são: a atenção e a concentração, a aprendizagem e a memória.

– **A atenção:** é a aplicação da mente a um objeto de maneira exclusiva e durante um tempo determinado. Seu objetivo é entender, conhecer a fundo e gravar na memória os conhecimentos adquiridos. Há dois tipos de atenção:

- Involuntária – é aquela em que não se põe intenção. Por exemplo: um som forte, uma voz conhecida, uma luz;
- Voluntária – é aquela que requer uma escolha e como tal, um esforço para salvar o conflito de atração que exercem outros estímulos em diversos sentidos. Este tipo de atenção é indispensável para obter rendimento ao estudar.

– **A concentração:** é a manifestação prolongada da atenção. Para se aumentar a capacidade de atenção deve-se:

- Exercitar a vontade e o interesse pelo estudo, tendo sempre em mente o motivo pelo qual se está estudando;
- Tratar adequadamente os assuntos pessoais, não permitindo que os mesmos atrapalhem sua concentração;
- Entusiasmar-se a si próprio com o que está fazendo, tendo em conta o poder que têm os pensamentos;
- Procurar manter-se em fisicamente em forma e sem tensões na hora de estudar.

– **A aprendizagem:** é uma mudança nas disposições⁴ capacidades humanas, com relativa permanência, e que não se pode atribuir só ao processo de desenvolvimento da pessoa. Depende das circunstâncias pessoais e o momento evolutivo em que se encontre. Há quatro condições básicas para ter uma aprendizagem satisfatória:

- Querer aprender;
- Ter motivação para aprender;
- Ter distribuição adequada do tempo

- Ter um método que sistematize os conhecimentos.

– **A memória:** é um conjunto de processos destinados a reter, evocar e reconhecer os fatos passados. Está em estreita relação com o interesse e a atenção, assim como com a adequada operação do cérebro. É imprescindível para a vida, já que sem ela a existência se desenvolveria em um presente vazio de significados. A memória se serve dos sentidos para recolher os fatos e dados que logo serão novamente elaborados pela mente. A eficácia da memória depende dos seguintes fatores:

- Fator físico – uma alimentação equilibrada, descanso suficiente, exercícios físicos e uma correta respiração;
- Fator psíquico – ser realista em metas e aspirações, controlar o pensamento, e confrontar as situações de problemas e as solucionar;
- Fator intelectual – deve existir verdadeira motivação e interesse em aprender para efetuar a compreensão dos dados, fator imprescindível da memorização.

Continuando sua intervenção, Ribeiro (2004) continua nos orientando, dizendo que para facilitar o processo da memorização efetiva, pode-se utilizar o seguinte:

- Associação de idéias - organizar os dados em unidades com sentido, agrupadas de acordo com um princípio básico geral, já que assim uma idéia evocará outra;
- Recodificar o material – impor estrutura própria ao material, cuidando que essa estrutura seja adequada ao conteúdo e utilizar as capacidades sensoriais de modo inter-relacionado;
- Fragmentar o material – o material a memorizar deve ser fragmentado em unidades, com sentido, que se memorizará, uma a outra. Ao terminar, se realizará uma globalização do fragmentado;
- Utilizar o interesse do estímulo – a curiosidade e o verdadeiro interesse, uma boa concentração, a ausência de atitudes e pensamentos sem controle ajudarão o processo de memorizar;
- Repetição regular – este é o melhor meio para garantir o fortalecimento do estímulo;
- Característica pessoal – é necessária a intenção de aprender e a vontade de assimilar, de modo que é conveniente que o estudo coincida com o gosto e interesse pessoal.

Por tudo isso, vemos que fazer o nosso aluno gostar de estudar e conseqüentemente crescer com os estudos é uma questão pertinente a todos nós educadores, aos pais e,

especialmente, aos alunos, que são os mais interessados por uma resposta rápida, fácil e mágica.

A valorização do método enquanto processo de compromisso assumido pelo aluno é importante, pois quanto mais o aluno conhece a si e ao processo de aprendizagem no qual está envolvido, mais condições ele terá de crescimento e sucesso.

Myra y López (1968, p. 3) diz que não se pode aprender sem “prender-se efetivamente ao que se deseja aprender e apreendê-lo”. Neste jogo de palavras está sintetizada a essência do estudo: toda situação que nos apresente problemas ou exija reações para as quais não possuímos um cabedal de hábitos, requer ser estudada, isto é, analisada para compreender seus diversos elementos integrantes, imaginando suas possíveis soluções, ponderando os prós e contras de cada uma e finalmente, decidindo o qual nos parece mais acertado.

Portanto, o aluno deve procurar ter uma autonomia nos estudos, estudando, anotando, lendo, escrevendo, resumindo, pensando, para poder crescer como pessoa e para participar do mundo como cidadão agente, atuante e modificador. Quando estuda, a pessoa insere-se, dinamicamente, na sociedade com a qual passa a ter uma relação dialética: ao mesmo tempo em que a modifica, lentamente, ao mesmo tempo modifica-se, energicamente.

Nessa linha de pensamento, a perspectiva do ato de estudar deve mudar radicalmente, e com eles, devem mudar, também, a proposta da avaliação e a postura de todos em sala-de-aula.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este é um trabalho que não se pode dizer conclusivo e tampouco que comporte uma única forma válida de conclusão. São várias as possibilidades, tanto de abordagem quanto de conclusão. As conclusões apresentadas neste trabalho são apenas inferências e deduções, que fizemos a partir da leitura da literatura especializada utilizada para a contextualização científica do objeto de estudo pesquisado e da leitura e interpretação dos dados obtidos ao longo da investigação. Além do que, estamos conscientes dos limites impostos à elaboração de conclusões mais definitivas sobre o tema, dado a ausência de pesquisas e de trabalhos mais alentados e em maior número, que polemizem sobre a importância do ato de estudar.

Colhido e interpretado, o material obtido através de diferentes procedimentos discutidos anteriormente, que foram desde procedimentos informais e espontâneos até formais e premeditados preparados com antecedência e rigor científico, concluímos que houve, no conjunto das alunas investigadas, evolução em relação ao ato de estudar.

A maior evidência desta inferência se comprova através de três resultados obtidos a partir das análises realizadas.

Em primeiro lugar, pela diferença que se observa nos discursos das alunas investigadas, que no início do curso era um, e outro muito diferente, no final do curso e da investigação.

Optou-se pela transcrição sem correções das redações feitas pelas alunas.

Em 2001, nas primeiras redações as alunas escreveram (ANEXO A):

Na escola tenho certeza que não aprendi a estudar, pois na escola aprendemos a ler mecanicamente as sílabas, palavras, frases, e por fim, um texto, sem entender o contexto. Lembro-me da célebre frase da minha professora - 'Estudem para a prova!'. Eu acreditava que estudar era ler repetidamente a

mesma lição... Tive uma boa formação no Magistério. Estudava nas horas vagas, mas não por obrigação e sim porque me sentia motivada e queria tirar boas notas. (Eliana, 2001).

Depois que entrei no ginásio, estudava de uma forma pressionada, tanto pelos professores quanto pelos meus pais. Usava a velha decoreba. ...Para falar a verdade, só senti realmente que estudava quando comecei a dar aulas, pois estava mais amadurecida e, conseqüentemente, o ato de estudar passou a ter mais valor, porque até então, achava que estudar era só na escola.(Isabel, 2001).

Lutei muito para chegar aonde cheguei; trabalho desde 1984 sem parar, e quase sempre em período integral. Não está sendo fácil atualmente, pois voltei a estudar, fazendo o curso de Pedagogia, que a princípio eu achava, que o que eu estava aprendendo, ou melhor, tentando, era entender o que os professores estavam passando e estava sendo difícil, mas agora, parece que tudo está se encaixando na minha vida profissional e na particular também. ...como tudo nessa vida não acontece por acaso, agradeço sempre, acreditando que serei uma vencedora. (Sônia Maria, 2001)

No momento não dedico mais aos estudos, devido a falta de tempo, mas quando estou indo e voltando do serviço e, Tatuí, fico relembrando das aulas e nesse momento estou estudando. (Roseli, 2001)

Em 2005, as mesmas alunas escreveram em suas redações (ANEXO B):

Na Faculdade aprendi tanta coisa para colocar em prática no meu dia-a-dia, que tenho certeza, melhorou muito o meu lado profissional. Aprendi a estudar de outro jeito, agora é preciso valorizar cada momento, tanto durante a aula, como depois dela. (Eliana, 2005).

O velho hábito de estudar, foi se modificando aos poucos. Fui obrigada a ter mais concentração nas matérias que eram passadas, a ler mais, pois a exigência era grande. Passamos a trabalhar em grupo, cada uma estudava de uma maneira diferente... (Isabel, 2005).

Estudar é muito bom, onde temos a possibilidade de abrir novos horizontes e de experimentar com nossas próprias vivências, alternativas que possam concretizar o objetivo que almejamos encontrar. (Sônia Maria, 2005).

Não estudo só para realizar as avaliações, mas durante as aulas, ao estar participando da aula e depois ao aplicar o conteúdo aos meus alunos. (Roseli, 2005).

Em segundo lugar, pela compreensão adquirida ao longo da formação acadêmica em relação à importância do ato de estudar. É bastante perceptível, em vários dados colhidos para a pesquisa, a profundidade das mudanças de ponto de vista sobre este assunto nas alunas investigadas. De uma postura relativamente ingênua ou até mesmo indiferente, para uma postura responsável e profissional. Lembrando que a nossa análise procurou conhecer o progresso da investigada inicialmente como aluna e na sequência como profissional

professora, divulgando para os seus alunos a importância de se estudar racional e eficientemente.

As alunas investigadas escreveram sobre o ato de estudar (ANEXO B):

Para nós professores, o ato de estudar requer uma busca constante, para sanar os problemas encontrados dentro da nossa sala de aula, não só pelo fato de solucionar e sim de encontrar uma forma adequada para cada situação. (Sônia Maria, 2005)

Seria impossível estar no último semestre e falar que não possuo hábitos de estudo. Hoje, mais do que nunca, estou o tempo todo estudando, mesmo fora da faculdade. No meu dia-a-dia, na minha vida profissional, estou sempre a procura de pesquisas para propor uma prática pedagógica com muito mais qualidade. (Roseli, 2005)

Para mim, estudar é obter conhecimento e é através do conhecimento adquirido que consigo enxergar cada aluno de uma maneira diferenciada, e que na maioria das vezes, passa despercebida alguma lacuna na sua aprendizagem.” (Sônia Machado, 2005)

Penso que o ato de estudar faz parte das aulas, dos comentários do professor, dos alunos, das reflexões e indagações. (Silvana, 2005).

O estudo é um ato de descoberta, e essas descobertas nos levam a tornar-nos pessoas reflexivas, ativas e cultas. Essa visão do estudo ocorreu quando

comecei a sentir prazer no mesmo, não somente estudar para avaliações, mas estudar para adquirir novos conhecimentos por prazer. (Valdirene, 2005).

Por fim, em terceiro lugar pode-se comprovar como a visão transdisciplinar de Kleiman e Moraes (1999) sobre a importância do tema se manifestou claramente nas alunas “investigadas”. Segundo os autores, a importância do ato de estudar ultrapassa quaisquer limites disciplinares. Pela sua natureza, ela é essencialmente transdisciplinar, porque a prática decorrente de um ato consciente e metódico de estudar não se limita de forma alguma a uma única disciplina. O ato de estudar racional e eficientemente é intrínseco a qualquer disciplina. É notória a presença destes conceitos no desenvolvimento demonstrado pelas alunas “investigadas”, na medida que pudemos observar nos dados colhidos pela pesquisa, uma compreensão bastante expressiva do caráter relacional que as alunas dão aos diversos saberes apreendidos ou em processo de apreensão. É exemplo mais do que evidente desta afirmação, as sínteses elaboradas pelas alunas investigadas fazendo críticas e comentários frente às teorias ou à simples conhecimentos estudados.

Eis alguns depoimentos das alunas (ANEXO B):

O ingresso na faculdade certamente me levou a um salto qualitativo quanto ao ato de estudar. As aulas trazem o significado e a reflexão sobre nossa prática. Desta maneira, a solução de muitos dos nossos problemas na educação não são mais resolvidos ao sabor da emoção do momento, mas sim repensados, pesquisados e a atitude pode ser fundamentada em nossas leituras. (Silvana, 2005).

.Outra mudança que vale a pena citar aqui, é que notei recentemente que posso argumentar, sempre embasada no estudo, mas sem ser radical, respeitando a opinião das outras pessoa. (Eliana, 2005).

Antes eu passava os conteúdos e ficava revoltada com os alunos se eles fizessem por fazer, sem entender nada, sem debater, sendo passivo. Hoje, eu consigo enxergar mais além, estudando muito mais para poder desenvolver uma maneira diferente de passar os conhecimentos necessários para a compreensão de cada um. (Sônia Maria, 2005).

E sei que estudo e aprendo mais quando consigo juntar todos os fatores: tenho interesse, motivação clara, estou desenvolvendo hábitos que facilitam o meu processo de aprendizagem, estou sentindo prazer no que estudo e na forma que estou fazendo. Aprendo realmente quando consigo transformar minha vida em um processo permanente, paciente, confiante e afetuoso de aprendizagem. (Suzeley, 2005).

Em síntese, para darmos um fechamento geral às considerações finais sobre os resultados concretos da presente investigação, gostaríamos de deixar registrado uma observação positiva sobre o a prática discente das alunas investigadas no que diz respeito à forma como vêm desenvolvendo seus aprendizados sobre o ato de estudar. Até aonde foi possível fazermos ilações ou inferências sobre o comportamento das alunas investigadas, pudemos constatar, com um grau, que se pode afirmar, de bastante confiabilidade, que se os conhecimentos adquiridos na investigação não nos permite fazer declarações mais cabais sobre a incorporação definitiva do ato de estudar por parte das protagonistas desta pesquisa,

eles podem, no entanto, servir para fundamentarem o conhecimento de que, de maneira geral, as alunas protagonista da investigação, adquiriram ao longo da sua prática discente como alunas do Curso de Pedagogia, do Instituto de Educação Superior de Boituva, forte consciência pedagógica sobre a importância do ato de estudar.

As alunas deram esses depoimentos ao final da investigação:

Com o curso de Pedagogia, consegui ampliar o meu olhar, de como chegar até o meu aluno, entendendo melhor o que é ensinar, e ele compreender aquilo que pretendo passar para ele. Percebi, o quanto é desnecessário tanto conteúdo e sim poder mostrar a autonomia que cada um tem para encontrar sua própria sobrevivência. (Sônia Maria, 2005).

Foi uma mudança positiva, inclusive junto aos meus alunos, pois escolho os melhores recursos para que eles aprendam, avalio a minha responsabilidade nas principais dificuldade e conquistas dos meus alunos, questiono onde acertei, onde errei, se tive preguiça ou se faltou uma visão mais ampla para minhas estratégias didáticas. (Cátia, 2005).

Posso dizer que hoje sou outra pessoa, pois as aulas do curso de Pedagogia acrescentaram muito, contribuindo para um melhor rendimento de minha atividade profissional. Para finalizar, estou satisfeita no decorrer desses quatro anos com o acréscimo de conhecimentos, com a ampliação do vocabulário, com o aperfeiçoamento das práticas pedagógicas e com um outro olhar em relação à Educação (Roseli, 2005).

O curso de Pedagogia, para quem o faz com interesse real, aponta para que se pesquise e leia cada vez mais na busca de condições pessoais e profissionais eficientes. (Silvana, 2005).

Hoje, já concluindo a faculdade, que modificou a minha forma de estudar, pois acabei criando hábitos de estudo que só têm trazido benefícios para o meu lado profissional e o meu crescimento como pessoa. (Denise, 2005).

Hoje, percebo que o ato de estudar é mais do que adquirir informações e conhecimentos momentâneos, mas sim conhecimentos que poderão modificar a minha vida e de outras pessoas. (Valdirene, 2005).

Como a faculdade mudou a minha vida tanto pessoalmente quanto profissionalmente! Eu ganhei em ter um ensino superior, mas quem ganhou mais foram meus alunos, porque o que aprendo com meus professores, pesquiso e ponho em prática com meus alunos. (Lúcia, 2005).

Para finalizar, reiteramos que as considerações feitas sobre os dados obtidos servem mais como parâmetros à discussão, que como posições definitivas acerca da problemática do ato de estudar. Neste sentido, estamos conscientes de que deixamos muito mais perguntas do que respostas. Outros certamente haverão de respondê-las com maior sabedoria. Não desconhecemos, também, que a falta de investigações mais sistemáticas sobre a problemática do ato de estudar dificulta enormemente o surgimento de abordagens mais conclusivas. Estamos conscientes de que somente um conjunto de olhares sistemáticos, por diferentes ângulos e perspectivas teóricas, pode melhorar a nossa capacidade de aproximação da

realidade. É nesta perspectiva que entendemos que a presente investigação é apenas uma entre outras possíveis formas de abordagem do tema sobre o ato de estudar.

Faço das palavras de Maria Helena Cavaco (1993, p. 14), em sua tese “Ser Professor em Portugal”, as minhas próprias palavras finais, por expressarem fielmente as expectativas, que desde o início, orientaram a realização desta investigação:

“Terá valido a pena o esforço que desenvolvemos se outras pesquisas vierem a continuar a tarefa que iniciamos, e se algumas das muitas perguntas que deixamos em aberto suscitarem outros projetos de pesquisa”.

REFERÊNCIAS

ALVES – MAZZOTTI, Alda Judith. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

_____. **A revisão da bibliografia em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis**. Cadernos de Pesquisas, São Paulo, n. 81, p. 53-60, maio 1992.

ANTUNES, Celso. **A grande jogada: manual construtivista de como estudar**. 10. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2002.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. 7. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2004.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo : Brasiliense, 1996.

BOLIVAR, Antônio. (org.). **Profissão Professor: o itinerário profissional e a construção da escola**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. 3. ed. – São Paulo : Companhia das Letras, 2003.

BUENO, Belmira, CATANI, Denice Bárbara, SOUSA, Cynthia Pereira de. (orgs.) **A Vida e o Ofício dos Professores: formação contínua, autobiografia e pesquisa em colaboração**. São Paulo: Escrituras, 1998.

CARNEIRO, Moacir Alves. **LDB Fácil: leitura crítico-compreensiva artigo a artigo**. 4. ed revisada e ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de CASTRO, Amélia Domingues de. (org.). **Ensinar a Ensinar: didática para a escola fundamental e média**. São Paulo: Thomson, 2001.

CAVACO, Maria Helena. **Ser professor em Portugal**. Lisboa: Editorial Teorema, 1993.

DOMINICÉ, Pierre. **A Biografia Educativa: instrumento de investigação para a educação de adultos**. Universidade de Genebra. *Éducation et recherche*, n. 4/3, p. 261, 1982.

_____. **O Processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais**. Universidade de Genebra. *Psychologie et Éducation* , v. 1, n. 4 , p.7 – 17, dez. 1988.

_____. O que a vida lhes ensinou. In: FINGER, Mathias; JOSSO, Christine. (coords.) **Pratiques du récit de vie et théories de la formation**. Genebra: Universidade de Genebra, 1985. (Caderno das Ciências da Educação, 44) p. 99 – 122.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (org.). **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. 2. ed. Campinas, SP. : Papyrus, 1997.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A., FINGER, M. (orgs.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988. p. 17 – 34.

FINGER, Mathias. As implicações sócio-epistemológicas do método biográfico. Comunicação apresentada ao Colóquio sobre “As histórias de vida em formação”, realizado de 5 a 7 de junho de 1986, Universidade de Tours – Genebra.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. Brasília: Plano Editora, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 41. ed. São Paulo : Cortez, 2001.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. **Rememorando trajetórias da professora-alfabetizadora: a leitura como prática constitutiva de sua identidade e formação profissional**. São Paulo: FAPESP; Campinas: FAEP/Mercado de Letras, 2002.

KLEIMAN, Ângela B.; MORAES, Sílvia E. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.

KRAMER, Sonia. Leitura e escrita de professores em suas histórias de vida e formação. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, n. 106, p.129 -157, mar. 1999.

MIRA Y LOPEZ, Emilio. **Como estudar e como aprender**. 2 ed. São Paulo, : Mestre Jou, 1968.

MOITA, Maria da Conceição. Percursos de formação e de trans-formação. In: NÓVOA, Antônio (org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 2000.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. (org.). **Conhecimento educacional e formação do professor – questões atuais**. 4. ed. Campinas, SP : Papyrus, 2001.

NÓVOA, Antônio (org.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote/Instituto de Inovação Educacional, 1992.

_____. **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 2000.

_____. **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, 1991.

NUNES, Clarice. **Ensino normal: A formação de professores – diretrizes curriculares nacionais**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro. (orgs.) **Professor reflexivo no Brasil : gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2002.

RHODES, Martin. **Cómo estudiar com provecho.** Buenos Aires, Argentina: Ediciones Lidiun, 1979.

RIBEIRO, Marco Aurélio de P. **A técnica de estudar:** Uma introdução às técnicas de aprimoramento do estudo. 11 ed. Petrópolis, RJ.: Vozes, 2004.

RONCA, Paulo Afonso Caruso. **Estudar – verbo intransitivo.** São Paulo, SP: Instituto Edesplan, 1996.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 22 ed. ver. e ampl. De acordo com a ABNT. São Paulo, SP.: Cortez, 2002.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler:** Fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 7 ed. São Paulo, SP.: Cortez, 1996.

SILVA, Marilda da. **Como se ensina e como se aprende a ser professora:** A evidência do habitus professoral e da natureza prática de Didática. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

ANEXOS

ANEXO - A

Redações feitas pelas alunas-professoras em 2001

ANEXO - B

Redações feitas pelas alunas-professoras em 2005

ANEXO - C

QUESTIONÁRIO

Perguntas e Respostas

ANEXO - D

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

• LÚCIA

Meu nome completo é Lúcia Moretti Tomás. Nasci na cidade de Boituva, na zona rural. Meu pai era sitiante, e vivi no sítio até os seis anos de idade, e depois vim para a cidade. Depois fiz o grupo escolar (como era chamado naquela época), o ginásio, e fui para Cerquilha, onde estudei o colegial. Não deu certo. Voltei para Boituva e fui fazer o magistério. Entrei no terceiro ano do Magistério, e naquele ano, havia passado para quatro anos o magistério. Formei-me professora com 24 anos, em 1974.

Eu aprendi a estudar mesmo, foi na faculdade; antes eu não sabia estudar. O meu jeito de estudar era assim: eu morava numa casa grande, e a gente estudava em grupo, quer dizer, depois do almoço vinha aquele grupinho, e a gente estudava, e no quintal da minha casa tinha muitas goiabeiras, e cada um ficava em uma goiabeira, estudando, quer dizer, decorando. E foi assim, só decorando, no ginásio, no colégio, no magistério, só na decoreba. Eu aprendi a estudar mesmo, aqui na faculdade, a partir do terceiro semestre, é que eu comecei a entender o que é estudar.

Eu aprendi a estudar na faculdade. O professor Vilmar deu para fazer um resumo, e eu não sabia fazer resumo; sabia fazer esquema. Mas, fiz o resumo do jeito que eu achava que era para fazer, quer dizer, fazia o resumo mudando as palavras, só copiando. Então ele disse que resumo não era isso, e ele explicou como era um resumo e que dessa vez passava, mas eu disse que iria fazer um resumo. A partir desse momento, eu aprendi a fazer resumo, e todo tema que o professor fala, eu vou à biblioteca, procuro, pesquiso, e faço resumo além do que o professor pediu.

A faculdade também influenciou na minha prática escolar. Antes eu era uma professora autoritária, tradicional. Quando punha um desenho, ele tinha que ser pintado do jeito que eu queria; se uma criança levantava do lugar, eu ficava brava, punha de castigo. Depois que eu comecei a estudar, vi que não era assim. O aluno tem a experiência dele, e ele não é uma estátua; tem os hormônios, o seu desenvolvimento, ele tem que sair, em que conversar, tem que andar. Tudo isso foi modificando a minha prática. Hoje, a minha sala de aula é uma sala gostosa para dar aulas, porque todo muito fica quieto, para ver se aprende,

faz tudo no silêncio, e quando termino a explicação eles perguntam se agora podem conversar. Hoje sou uma pessoa feliz, realizada.

- **VALDIRENE**

Meu nome é Valdirene. Nasci em Osasco, meu pai era bancário e até os 11 anos estudei na Fundação Bradesco. Depois, o meu pai foi mandado embora do banco e veio para Boituva. Eu senti uma diferença muito grande no ensino, pois lá, em Osasco a escola era muito melhor que aqui e eu estudava de qualquer jeito: entrava no quarto, lia diversas vezes, depois pedia para minha mãe tomar a lição. Depois quando fiz o magistério, continuava do mesmo jeito, só estudava em dia de prova.

Quando entrei na faculdade, o professor dava um texto, e eu não entendia a explicação do professor. Então, eu fui procurando, eu já me interessava mais por revistas, como “Escola”, revistas ligadas à Educação, sobre o curso de Pedagogia, e procurava outras fontes de informações e não só aquela que o professor havia passado. Então quando eu entrei na faculdade, foi que eu vi, que eu aprendi, o que era o ato de estudar. Não era só pegar o caderno, e vê aquela matéria, e decorar. Na verdade, isso não estudar; era decorar. Eu decorava para aquele dia, e depois não lembrava mais.

Eu tomei consciência que estava estudando e aprendendo no primeiro seminário que o professor André pediu para nós apresentarmos, quando eu tive que falar sobre Francis Bacon e achei que o material que ele havia passado era pouco. Então, fui procurar em outros livros para poder explicar melhor e de uma forma mais fácil para a classe entender. Foi então que eu percebi que isso era estudar. A partir daí, fui crescendo como profissional.

Eu resolvi fazer magistério porque não tive opção, pois morava em cidade do interior. Eu fui da primeira turma estadual de Magistério de Boituva, em 1985. Comecei a dar aula no terceiro ano do Magistério, em escolinhas maternas, no Jardim II. Em 1999, prestei o concurso estadual para professores e passei.

Aí, apareceu aquela lei que quem não tivesse o curso de Pedagogia não poderia continuar trabalhando como professora, e como Boituva havia municipalizado o ensino, o

prefeito na época fez um contrato com a gente, e eu esperei para fazer o curso aqui, em Boituva.

Eu acho que o curso de Pedagogia modifica, a gente se transforma, mas ainda é difícil da gente passar tudo isso que a gente aprende na faculdade, a teoria, a prática, tudo, na sala de aula, porque tá muito difícil; a criançada tá difícil. Às vezes você tem idéias maravilhosas, mas a criançada desestimula. Eles não querem nada com nada. Parece que a culpa é sua. Mas mudou. A gente vê bastante coisas têm tantos fundamentos, tantas coisas por trás. Antes eu achava que Pedagogia e nada era a mesma coisa. Para que fazer Pedagogia se só dá direito a você ser coordenados ou diretor? Eu achava que não ia influenciar em nada na minha vida. Mas, hoje é gostoso porque você consegue conversar com pessoas que têm mais graus de estudo, assuntos que eles nunca ouviram falar porque fizeram Pedagogia há 15, 20 anos atrás ou essa Pedagogia que ia uma vez por mês. Hoje você tem muito mais assunto, até eles pedem ajuda para a gente na hora de formular, fazer projetos, de montar conselho de classe e todo trabalho que a gente faz aqui, eles querem ver também.

Eu acredito que a faculdade me ajudou a crescer profissionalmente; o que às vezes me irritava com uma criança antes de eu fazer Pedagogia, hoje, não me irrita mais. Hoje, você olha e não gosta do que ela está fazendo, mas você pondera, e pensa que alguma coisa deve ter; vamos analisar um pouquinho, nem que às vezes você se arrependa, mas você vai procurar soluções para poder ajudar aquela criança. Aí é que entra o ato de estudar: você lê, vai procurar na internet, vai conversar com outros professores, trocar idéias, então nesse lado eu acho que a faculdade ajudou bastante.

• CÉLIA

Nasci em Porto Feliz no dia 5 de novembro de 1964. Sou casada, e tenho dois filhos, um 19 e outro de 18. Somos três fazendo a faculdade, lá em casa. Quando era pequena estudei em uma escola estadual perto de casa, até a oitava série. Quando eu era pequena, brincava de escolinha com a minha irmã mais velha, e quando comecei na escola, não era novidade; sempre fui bem. Depois, eu fiz o colegial em outra escola estadual, pois

queria estudar farmácia porque gosto de ficar quieta, e queria trabalhar em um lugar silencioso. Daí conheci meu marido e resolvi fazer o magistério que era mais curto e eu teria um diploma.

Eu me casei no terceiro magistério e não queria fazer o quarto ano, porque havia casado em setembro, e era uma despesa a mais, e por insistência dele é que eu me especializei em educação infantil. Logo que me formei, fui chamada para dar aulas em uma escola particular de educação infantil, aqui em Boituva, onde trabalhei quatro anos. Como o salário ficou devassado, saí e fui trabalhar em Itapevi, em uma escola estadual, no ensino fundamental. Foi uma época de muita turbulência, com muitas greves. Teve aqui, um concurso público e de cem vagas eu passei em sexto lugar. Comecei a trabalhar com o ensino infantil, na fase que eu trabalho hoje, que é a fase 2, que eu gosto muito. Prefiro trabalhar com os pequenos. Trabalho de manhã em Cerquilha, e à tarde aqui, em Boituva.

Na faculdade eu aprendi muita coisa. Se eu não estivesse estudando, eu não teria o acesso a certos livros, não teria o conhecimento, tanto é que, todas as meninas que trabalham comigo em Cerquilha, pegaram a minha mania: tudo o que eu vou atrás, eu passo para elas, até cópias de coisas importantes, porque é uma coisa que interessa. Hoje, a gente tem argumentos para concordar ou discordar com as pessoas.

• SONIA MACHADO

Eu sou Sonia Machado. Nasci no dia 24 de agosto de 1951, em Boituva. Sou a filha caçula de sete irmãs. Todos estudaram. Sou solteira. Eu entrei na escola, no Grupão, já alfabetizada, mas não é como agora, comparando com a professora que sou, eu vejo que a mudança foi total. Era tudo através da professora. A gente não tinha a liberdade que hoje tem, e os alunos agora têm liberdade.

A partir dos seis anos, convivendo com minha irmã, tomei consciência do que era estudar. Eu era uma criança muito mimada, e muito curiosa; tudo que eu via, eu perguntava. Entrei na escola mais ou menos já preparada.

A minha trajetória foi assim: eu terminei o grupo escolar (falavam assim), fui fazer o ginásio, depois fui para Itapetininga fazer Comunicação Comercial, um curso que já não

existe mais, pois foi em 1970. Depois eu voltei para fazer Contabilidade, e não deu nada certo, porque eu queria trabalhar numa área de atender o público, mas como eu não consegui nada, fui fazer o Magistério, aqui em Boituva. Comecei a lecionar em 1981, há 24 anos.

Eu resolvi fazer faculdade, especificamente Pedagogia, por imposição da lei, da LDB, que foi mal interpretada porque tinha que fazer Pedagogia, mas eu gostei do curso. A FIB, os professores, abriram novos horizontes. Quando eu fui dar aula em Barueri, eu fui “chucrinha”, mas como lá havia coordenadora efetiva do estado, ela me orientou muito. Ela falava que depende do professor em sala de aula, e eu fui me aperfeiçoando e havia cursos que diretores davam para nós.

Depois eu me efetivei e vim para Boituva, e os cursos que de formação e que são do interesse para mim, lógico, foi aqui na FIB que teve vários e na CETESB, onde estou indo. Estou sempre atrás de cursos.

O conhecimento faz parte da vivência da gente, mas muita coisa deixa a desejar. Na faculdade eu aprendi muito mais; quanta coisa que abre o horizonte, abre a cabeça. Eu acho que o professor tem que ter o comprometimento dentro da sala de aula, e ele tem que estudar. Não é porque está terminando o curso de Pedagogia que vai ficar sem estudar! Ele tem que correr atrás, correr muito.

A faculdade também influenciou na minha prática profissional porque o aprendizado é diferente. Minhas idéias são diferentes, não combinam com as das colegas que pararam de estudar. Elas dizem para eu não estudar. Eu não. Eu preparo as minhas aulas, acha que isso está no sangue da pessoa, para evoluir, para melhorar, então acho que o conhecimento, a leitura, faz parte. Mesmo você dialogando com uma pessoa que teve mais estudo, mais experiência de vida, eu acho que a gente aprende. Todos os dias a gente aprende. Eu estou aprendendo com aquele aluninho que não vai, que está fazendo todo o contrário daquilo que ensinei.

Hoje me sinto uma pessoa realizada. Conheci professores ótimos, fiz amizade com pessoas de fora, o meu conhecimento agora posso discutir qualquer assunto, eu tenho formação para aquilo. Hoje, eu não aceito qualquer coisa que venham falar para mim sobre Educação, agora eu quero argumentos. Eu vou atrás.

- **SILVANA**

Eu sou Silvana, professora de Educação Infantil, desde os 17 anos. Moro em Iperó. Eu sou diretora de escola de educação infantil e só consegui isso, depois que entrei na faculdade de Pedagogia. Hoje o que eu faço na direção, foi conseguido aqui, na faculdade. Eu só descobri mesmo, o quanto me faltava, depois que eu entrei na FIB, porque eu tinha consciência que meu trabalho era bom, era ótimo, que eu dava conta. Mas depois que eu cheguei aqui, é que vi que ainda faltava muito.

Contato com material escolar eu tive desde a primeira infância, pois na minha família tem as professoras: tem minha mãe, minhas tias; então eu sempre tive contato. Quando eu tinha seis anos, me levaram para a primeira série para fazer uma avaliação, e eu fiquei. Não tinha idéia do que era estudo; tudo já fazia parte do meu cotidiano. Na minha família sempre foi cobrada a boa nota, o bom comportamento, então estudar para mim, significa sempre ser o melhor. Hoje esse pensamento não mudou, apesar de viver me policiando, eu continuo achando que eu sempre tenho que dar aula melhor, e apresentar o meu melhor.

Eu estudo através das apostilas, dos livros. Tudo o que eu ouço, eu registro. O meu caderno é um tesouro para mim. Todos os dias, até durante o meu trabalho, eu leio. Estou sempre lendo. Na minha mesa tem sempre um livro, uma reportagem, uma revista.

A primeira escola de Educação Infantil na minha cidade, uma cidade pequena, foi a minha mãe que abriu e aquilo eu acho que fazia parte do meu universo, e eu terminei a oitava série e me matriculei aqui em Boituva, no Instituto de Educação Monsenhor para fazer o magistério, e durante os estágios, eu comecei pela educação infantil, e nunca mais saí.

Resolvi fazer a faculdade para melhorar como pessoa, como profissional, para melhorar a minha prática, e também por causa da exigência do governo. Mas, o que mais me envolveu mesmo, foi melhorar a minha condição de profissional, trabalhar melhor.

Quando comecei a fazer Pedagogia, conheci novos autores, novos métodos de ensino, novas filosofias que influenciaram a minha maneira de estudar. Aprendi a pesquisar assuntos que às vezes eu via somente um enunciado, ou ouvia falar o nome do autor, eu aprendi a buscar, a ler mais, não simplesmente só naqueles livros didáticos que tinha na

escola; eu aprendi a buscar fora do livro didático. Saí da mesma mesmice, pois na escola a gente encontra o mesmo discurso, os mesmos autores que falam sempre daquilo. A faculdade me abriu uma gama de possibilidades, influenciou na minha prática.

Hoje saio realizada, mas pretendo estudar mais porque a auto-estima cresce, porque você se percebe podendo trabalhar melhor, enxergando lá dentro, estudando.

• SONIA MARIA

Meu nome é Sonia Maria, sou casada, e tenho três filhas. Tenho 45 anos, 23 de casada e 20 de magistério. Estudei até o colegial aqui em Boituva mesmo, e depois fiz o terceiro e o quarto magistério, por influência da minha mãe. Parei por quase 14 anos. Fui trabalhar em escola depois que eu casei. Efetivei-me em Educação Infantil em 1994 e no Ensino Fundamental em 2000.

De quinta à oitava série eu estudava junto com uma amiga, pois não entendia História, Geografia, Ciências, que eram decorativas. Matérias decorativas eu não gostava. Então nós trocávamos. Eu ensinava Matemática e ela as matérias que eu não conseguia decorar.

Quando entrei na faculdade, notei que o ato de estudar era diferente. Eu exigia muito de meus alunos, que decorassem a matéria e vi que não era assim que deveria fazer. Tem que mudar. Achei que estudando junto com eles, dentro da sala, era a melhor maneira deles poderem aprender. E deu resultado. Aprendi na faculdade um jeito de estudar e de dar aula também. A faculdade influenciou para melhor a minha prática. Eu senti e minha diretora também comentava que percebeu a diferença entre quem estava fazendo faculdade e quem não estava, pois as aulas eram diferentes.

Eu preciso de calma para estudar. Procuo fazer as reflexões quando chego da faculdade, pois é o único horário livre para mim. Estudo para crescer profissionalmente, porque tem muita cobrança, e a gente tem que saber as coisas tem que procurar.

Na faculdade os professores passam filmes para nos analisarmos, e agora quando eu vejo um filme, a gente começa a ver de outra forma, a analisar o filme, porque aprende a assistir ao filme não só como lazer, mas como uma forma de estudo.

Eu me sinto feliz dando aula. A gente precisa gostar, porque se não gosta, não agüenta ficar na sala de aula.

• CÁTIA

Meu nome é Cátia Cristina de Arruda, tenho 43 anos, sou divorciada e tenho dois filhos. Minha filha é mais velha e está no primeiro colegial e o mais novo está na oitava série. Sou professora há 19 anos. Trabalho aqui em um bairro da cidade bem carente, escola municipal, em uma terceira série com bastantes problemas de aprendizagem. Estou batalhando, tentando ver se tem algo que eu consigo fazer, aprender a ler pelo menos o essencial, as palavras mais simples, e fazer as quatro operações. Estou cursando o último semestre de Pedagogia, o qual estou gostando muito. No começo, eu queria mesmo fazer Letras, mas depois com a imposição, acabei fazendo Pedagogia. Não gostava do curso no começo, mas acabei me apaixonando. Eu pretendo fazer uma pós mais para a frente, e continuar meus estudos, não parar por aqui.

Eu comecei a estudar ainda criança, porque eu fui levada a estudar, pois a minha irmã mais velha começou a estudar e eu sabia que ela saía todos os dias de manhã e ia para a escola. Eu não sabia nem o que era escola. Para mim escola era chegar lá, brincar, e pronto. Mas quando chegou, eu comecei a chorar, no começo, e fiquei um ano fora, pois não queria saber de estudar, só queria brincar mesmo, pois tinha seis anos e meio. Entrei no próximo ano, já mais amadurecida, foi que consegui estudar, pois até então eu não sabia o que era escola, eu compreendi mesmo, quando eu entrei, quando comecei a freqüentar, e na verdade eu comecei a gostar da escola.

Na escola a professora passava a lição, e então era mais uma decoreba também. Você era obrigada a decorar, a tabuada tinha que estar na ponta da língua, tinha que caprichar na letra, no parágrafo, as palavras tinham que estar sempre corretas e ela exigia que falássemos corretamente também. Então eu estudava dessa maneira.

E em casa, minha mãe dizia que tinha que estudar. E eu estudava sempre com música e sempre gostei de estudar em frente do espelho. Até que um dia minha irmã quebrou o espelho e não sei se minha mãe achava errado, sei lá o quê, pois ela não repôs

mais o espelho. Então eu mudei o modo de estudar. Passei a estudar na sala, pois no quartinho não tinha mais o espelho e então já não interessava mais. Sempre foi assim: eu gostava de estudar olhando no espelho e ouvindo músicas do Roberto Carlos também.

Fiz Contabilidade, mas não era o que eu queria; daí fiz dois anos de Magistério, entrei no terceiro ano, e daí, eu tentei procurar escola para lecionar quando me formei, mas só aconteceu quatro anos depois, em 1986, quando fui trabalhar em Carapicuíba, e nessa escola, fiquei doze anos. Viajava todos os dias: saía às três e meia e voltava às oito horas da noite. Quando saí de lá fui trabalhar em Boituva, escola do estado, que depois se municipalizou. Depois passei no concurso, fui chamada, e são cinco anos que estou nessa escola em Boituva, como efetiva. Gosto de trabalhar com pré-adolescentes: 10, 11, 12, 13 anos, quarta série, eu prefiro.

O curso de Pedagogia abriu novos horizontes, porque quando a gente começa a lecionar tem uma visão, mas quando você começa a estudar, começa a ter uma outra totalmente diferente. Você que tudo o que você fazia, não é que estava errado, mas poderia ter trabalhado de uma forma diferente. Então a gente começa a ver coisas novas, a pensar coisas novas, a ver o aluno com outros olhos; tudo se modifica, até a vida da gente, a gente passa a ver com outros olhos.

O curso de Pedagogia influenciou a minha prática profissional e na minha vida pessoal também, pois eu passei a ver as coisas de outra maneira, até as pessoas a gente passa a analisar melhor, observar melhor.

Hoje, como professora e aluna, eu estudo diferente. Eu gosto do silêncio; coloco a televisão bem baixinho; espero todos em casa irem dormir para eu ir estudar. Se eu não tiver concentração, eu não consigo. A mesma concentração que eu tinha quando era criança, eu não consigo, mas tem que ter a televisão; o rádio, eu já não ouço mais, mas tem que ter a televisão ligada. Aí, de vez em quando eu dou uma olhadinha, e estudo. Mas só nos fins de semana. Durante a semana não dá tempo. Chego e quero dormir.

A gente não pode parar de estudar. Eu parei, eu demorei 19 anos. Se eu tivesse feito há 19 anos, eu poderia ter caminhado muito mais. Então agora, eu vou em frente, eu não paro.

- **ELIANA**

Meu nome é Eliana, sou casada, tenho quatro filhos e um netinho de dois anos. Sou nascida em Boituva, onde fiz o primário no Grupão, uma escola tradicional daqui. Depois eu fiz a quinta série do antigo ginásio, no Verselino, que uma escola estadual, e depois eu estudei na escola Sandoval Pacheco, onde terminei de fazer o ginásio e depois o magistério.

Logo que terminei o magistério tentei lecionar, mas era muito difícil. Trabalhei no Mobral, logo que me formei, em 1973, em duas firmas, mas eu não gostava desse ambiente de firma; me sufocava e então eu saí, e no SOS da própria prefeitura, mas trabalhar com papéis eu não gostava. Daí, eu falei para uma amiga que queria dar aulas e fui dar aula em Barueri, onde fiquei dez anos, viajando todo dia, trabalhando numa escola estadual. Foi aí que eu entrei na sala de aula e eu gostei.

Faz 17 anos que estou na sala de aula. Fui para Capela do Alto lecionar, junto com a Cátia e a Isabel. Fiz o concurso aqui, passei, me chamaram e em 2000 vim para Boituva, e estou nesse bairro até agora, faz cinco anos.

Quando eu era criança vivia brincando de escolinha. Eu escrevia, pegava caderno, ficava rabiscando, giz, escrevia na calçada, no quintal, na parede. Eu achava que estava estudando. No ginásio eu não gostava mais de estudar, eu detestava. Quando eu tinha 13 anos, deu uma crise de nervos, eu chorava, não queria ir mais no ginásio, meu pai me obrigava. Daí que ele mudou, e ele falou para minha mãe: “Não! Deve estar acontecendo alguma coisa com a escola, e vou mudar ela de escola. Vou mudar ela de escola. Não tem problema que seja particular. Ela tem que ser alguma coisa”.Aí, que eu fui para lá.

Hoje em dia, eu leio bastante, presto atenção na aula, anoto, depois chego em casa e leio de novo. Agora eu gosto de estudar. Não gostava; agora comecei a gostar. Eu passei a gostar porque eu achava assim, que como aconteceu tudo aquilo, eu achava que tinha decepcionado, de uma forma ou de outra, meu pai, porque meu irmão ia para a escola no ginásio, minha irmã ia também, e porque eu estava daquele jeito, chorava. Então, quando eu mudei de escola, eu me esforçava, tirava boas notas, e a partir daí, foi que eu comecei a me interessar pelo estudo.

Aqui, na faculdade, eu gosto eu gosto de estudar. Eu não vejo como decoreba, como uma obrigação. Fico até de madrugada lendo, mas eu gosto, eu tenho que ler.

- **DENISE**

Meu nome é Maria Denise, tenho 45 anos , sou casada e tenho dois filhos. Moro em Boituva desde que nasci. Eu estudei em escola estadual o antigo primário e ginásio, e o magistério fiz em uma escola particular.

Eu quis fazer o magistério, porque era uma coisa de família. Minhas tias eram professoras, e foi como uma continuação de algo que eu gostava. Tive oportunidade de trabalhar em outro setor, mas eu fiz essa opção de trabalhar com crianças, por que eu gosto. Comecei lecionando em Carapicuíba, durante três anos, depois fiquei um ano em Santana do Parnaíba e depois vim para Boituva e estou aqui direto, nessa escola onde estou, que antes era do Estado, mas agora municipalizou-se. Depois que eu comecei a trabalhar, eu tentei entrar em uma faculdade, mas o custo era muito alto, e não tive chance. Depois me casei, tive filhos e tudo ficou cada vez mais difícil. Resolvi fazer Pedagogia, primeiro porque a lei exigia que se tivesse curso superior e também porque a prefeitura ofereceu pagar a faculdade e eu aproveitei a oportunidade e fui fazer o curso.

Quando eu era criança, para estudar tinha que ser decorado, pois a gente morria de medo da professora, tinha chamada oral e a gente tinha que decorar, tinha que aprender, de qualquer forma tinha que saber o que a professora queria. E depois esquecia muitas coisas.

Quando entrei na faculdade, aí é que eu aprendi a estudar. Eu estudo lendo muito, pesquisando, anotando muito, comentários, dúvidas que eu tenho eu anoto, para pesquisar depois.

O curso de Pedagogia influenciou na minha prática pedagógica porque a gente começa a olhar de outra forma, porque a gente era muito bitolada, e se a gente não estuda, a gente só segue aquele caminho que era acostuada e a faculdade mostra outras coisas para a gente; é diferente; mudou muito. O curso de Pedagogia influenciou a minha maneira de estudar e a maneira de trabalhar também, para melhor, muito melhor.

Eu costumo estudar de manhã porque eu trabalho à tarde. Arrumo um tempinho, uma hora, uma hora e meia e prefiro estudar na cozinha, pois fico sozinha em casa.

Sinto-me muito feliz ao término do curso de Pedagogia, pelo próprio crescimento que eu vi em mim, na minha prática. Eu me sinto muito bem, muito feliz. Eu ganhei com isso, meus alunos ganharam, eu me sinto muito bem

- **SUZELEY**

Meu nome é Suzeley, tenho 49 anos, sou casada, dois filhos, um do coração. Eu estudei o antigo primário no grupo escolar e o antigo ginásio na escola estadual Mário Pedro Verselino, aqui em Boituva. O antigo colegial eu também estudei no Verselino, e quando eu estava no terceiro colegial, eu resolvi também fazer o antigo Normal, na escola particular Monsenhor Sandoval Pacheco. Trabalhava de empregada de manhã, depois ia ao colegial e à noite, freqüentava o Normal.

Depois de me formar, como tinha que ir trabalhar nos lados de São Paulo, pois era só daquele lado que havia vagas para professora, e meu pai não deixava ir, trabalhei como balconista, e depois trabalhei como secretária durante 10 anos, no hospital. Nesse intervalo, eu fiz um concurso do Estado, e eu passei.

Em 1997, eu me inscrevi para dar aulas, consegui, fiz o concurso da prefeitura, passei, e dei aulas até 1999. Em 2000 não trabalhei. Em 2001, entrei na prefeitura como contratada, pois não tinha chegado a minha vez na classificação dos professores. Em 2002, me efetivei.

O meu sonho era continuar estudando, e na época, saiu a lei que dizia que era obrigado ter faculdade, e por isso entrei na faculdade. A princípio, fiquei meio assustada, achando que eu não ia acompanhar a faculdade, mas aí eu percebi que com a minha vivência, o meu conhecimento, eu também tinha sabedoria em muitas coisas. E com isso eu fui crescendo, ajudou.

Quando eu era criança eu fazia lição, não sabia o que era estudar. No colegial, eu tive uma amiga, que me ensinou como estudar, principalmente, ela me ensinou a ter gosto pela leitura, o hábito da leitura. Nós nos reuníamos, liamos, estudávamos, e ela foi me ensinando como fazer resumos, e eu fui pegando gosto pelo estudo.

Hoje, na faculdade, eu anoto tudo o que o professor fala, e depois da aula eu revejo tudo o que foi dado, e na outra aula, eu tiro as dúvidas com o professor.

A curso de Pedagogia influenciou bastante na minha vida profissional, pois a visão das coisas está diferente, o olhar está diferente, vejo a profissão de uma forma diferente. Eu achava que eu não tinha capacidade, e hoje eu sei que eu tenho até muito mais, pois eu sei comparar as coisas.

O estudo que eu fiz na Pedagogia foi bom para minha vida pessoal e profissional, porque como diz a minha filha, - “eu nunca imaginava a minha mãe estudando! É até engraçado ver a mãe da gente, sentada, estudando.” – A minha avó sempre falou que aprender não ocupa lugar. É a sabedoria dos antigos.

Eu me sinto realizada e não quero parar. Eu quero continuar estudando. Já peguei o gosto. Existe uma lei que saiu agora que diz que os pedagogos podem trabalhar no hospital. Todo hospital tem que ter um pedagogo. E como eu já trabalhei lá dentro, e sei como é que é, e sei como que eu vou trabalhar com as crianças na pediatria.

• ISABEL

Meu completo é Isabel Cristina Sartorelli, tenho 36 anos, sou casada, tenho dois filhos. Sou professora há 16 anos. Fiz o Ensino Fundamental em escola pública, e fiz o Magistério em escola particular. Eu não escolhi ser professora, mas sim porque meu pai quis que eu fizesse e porque era uma profissão que sempre ia ter campo profissional. O que eu queria na realidade, era contabilidade.

Eu comecei a dar aulas no ano de 1989, na cidade de Itapevi, num bairro bem pobre, chamado Amador Bueno. Dava aula na quarta série de Educação Física e Educação Artística e de Língua Portuguesa de quinta à oitava, em caráter excepcional que na época podia. Trabalhei assim por dois anos. Depois continuei lá, até 1996. Até que surgiu uma licença em Boituva, e vim para cá. Isso foi em junho de 1996. Trabalhei dois anos na mesma escola estadual, e em 1998 mudei de escola, em Boituva mesmo. Em agosto, de 1998, municipalizou a escola e fiquei até o fim do ano. Em 1999, eu fui para Capela do Alto, e fiquei lá até 2000. Em 2001 fui chamada pela prefeitura de Boituva, para uma escola onde estou até hoje, efetiva.

Em 2001, eu entrei na faculdade por causa de uma lei que obrigava quem tinha magistério a fazer curso superior. No começo, foi só a obrigatoriedade que me levou a fazer a faculdade, mas depois, no decorrer do curso, fui percebendo, comecei a gostar das matérias porque no começo, a gente se sente totalmente perdida. Tinha treze anos que havia parado de estudar, e não sei, eu me sentia totalmente perdida na sala. Aí depois, em

consequência do que aconteceu comigo, como eu já disse, a senhora e o professor Vilmar foram duas pessoas que vão ser inesquecíveis na minha vida. Acho que são os maiores culpados por eu ter gostado mais do curso, porque eu sentia que não era mais uma aluna, eu era um ser humano, porque eu achava que na faculdade era assim: o professor lá e o aluno cá. Cada um fazendo a sua parte e acabou. Não imaginava que ia ser tratada como um ser humano. A professora ia para a aula para poder dar atenção a aquela pessoa que estava necessitando naquele momento da sua atenção. Então, eu acho que isso foi um impulso muito maior para eu continuar no curso. Porque depois também que a gente podia desistir, eu não quis porque a gente fez o curso com recursos da prefeitura, porque se fosse eu mesma, eu não conseguiria pagar. Eu estava na metade do curso e não valia a pena eu largar. Não custava nada eu fazer mais metade.

Quando eu era criança, eu estudava de uma forma decorativa. Eu gostava muito de brincar de escolinha, imitando a minha professora, que era um doce de pessoa, inclusive ela foi minha professora na primeira e segunda série.

Eu tomei consciência que estava estudando, só na faculdade, porque até então, era a velha decoreba, sempre decorando questionários, pontos para fazer provas. Até no começo da faculdade foi muito difícil fugir disso, porque era muito a opinião própria que era pedida. E eu não conseguia, eu achava que eu era incapaz. Eu precisei chegar no oitavo semestre para eu saber que sou capaz.

O curso de Pedagogia influenciou o meu ato de estudar, porque eu estou passando para meus alunos a forma que eu estou estudando agora, o quanto é importante, porque até então eu achava que era um curso a mais que a gente tinha, e agora não, eu vejo com eles, eu participo com eles a alegria que eu tenho de conseguir a nota, de estar bem, eles têm um interesse também. Então eu vejo que estou conseguindo despertar o interesse neles. Eu precisei chegar na faculdade para perceber isso.

Também o curso de Pedagogia influenciou na minha prática pedagógica, pois antes eu falava que o meu jeito de dar aula era o certo, mas agora eu mudei totalmente o meu jeito de ser, inclusive de ensinar. Eu estou muito feliz. Eu não achava que no final do curso ia sentir essa alegria pelo curso, pela formação do curso. Eu vi como é importante estudar, e pretendo continuar estudando, fazer uma pós, pretendo subir na minha carreira. Não quero estacionar.

- **ROSELI**

Meu nome é Roseli da Silva, tenho 36 anos, trabalho em uma escola municipal em Porto Feliz, numa segunda série. Eu nasci em Santo André, e faz quatro anos que estou aqui no interior, morando em Boituva e trabalhando em Porto Feliz.

O Ensino Fundamental eu fiz em escola estadual e o Magistério, eu fiz em escola particular. Resolvi ser professora porque eu sempre gostei, achava uma profissão legal. Eu sempre brincava quando era criança de ser a professora e então eu acho que foi a minha vocação.

No ano seguinte depois de terminar o magistério, comecei a lecionar em uma escola estadual em Santo André, e logo depois fiz um concurso, passei, e vim para cá através de remoção. Eu trabalho como professora há 16 anos. Depois de 12 anos que terminei o magistério, eu voltei a estudar. Vim fazer faculdade primeiramente por causa da lei, e depois falaram que não precisava mais, mas mesmo assim eu dei continuidade porque eu já estava, mas não me arrependo, não, Foi uma boa escolha.

Na faculdade eu mudei a minha forma de estudar. Quando eu fiz o ensino Fundamental e o Magistério, eu não trabalhava, e não levei e estudo muito a sério. Agora na faculdade, já fazia muitos anos de profissão, então foi mais interessante.

No começo da faculdade, sofri muito por não ter o hábito de estudar, pois tinha que realizar os trabalhos pedidos pelos professores e tinha muita dificuldade. Hoje, já não sinto mais como uma obrigação, pois sei da importância do ato de estudar. Após muitas pesquisas, muitos trabalhos efetuados, e muita reflexão, sinto-me realizada, pois consegui fazer um elo de ligação entre as dificuldades encontradas na minha prática escolar e através dos estudos, fui adequando-me na tentativa de sanar essas dificuldades.

Ficha Catalográfica

L974a Luco, Tânia Maria de Paula Santos
 O ato de estudar na formação de alunas-professoras do último
 semestre do curso de Pedagogia / Tânia Maria de Paula Santos
 Luco -- Sorocaba, SP, 2005.
 224 f.

 Orientador: Prof. Dr. Fernando Casadei Salles
 Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de
 Sorocaba, Sorocaba, SP, 2005.
 Inclui bibliografias e anexos.

 1. Formação de professores. 2. Ato de estudar. 3. Alunas-
 professoras. I. Salles, Fernando Casadei, orient. II. Universidade de
 Sorocaba. III. Título.